



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO**

CYARLA BARBOSA NASCIMENTO

**RÁDIO EM PROFUNDIDADE:
UMA ANÁLISE DE QUATRO REPORTAGENS PREMIADAS**

**IMPERATRIZ – MA
2022**



CYARLA BARBOSA NASCIMENTO

**RÁDIO EM PROFUNDIDADE:
UMA ANÁLISE DE QUATRO REPORTAGENS PREMIADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido ao curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social-Jornalismo. Orientação: professor Dr. Alexandre Zarate Maciel.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Barbosa Nascimento, Cyarla.

Rádio em profundidade : uma análise de quatro
reportagens premiadas / Cyarla Barbosa Nascimento. - 2022.
88 p.

Orientador(a): Alexandre Zarate Maciel.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz -
MA, 2022.

1. Aprofundamento. 2. Contextualização. 3.
Humanização. 4. Radiorreportagem. 5. Recursos sonoros.
I. Zarate Maciel, Alexandre. II. Título.

CYARLA BARBOSA NASCIMENTO

**RÁDIO EM PROFUNDIDADE:
UMA ANÁLISE DE QUATRO REPORTAGENS PREMIADAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Maranhão como requisito básico para a obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social / Jornalismo, pela universidade Federal do Maranhão.

Orientador/a: professor Dr. Alexandre Zarate Maciel.

Aprovado em: 29/Julho/2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Zarate Maciel (Orientador/a)

Profa. Dra. Izani Mustafá (Examinador/a)

Profa. Dra. Roseane Pinheiro (Examinador/a)

A todos que perderam família, amigos, vizinhos, conhecidos, sonhos e metas em decorrência da Covid-19. Aos que mesmo diante das dificuldades e das marcas deixadas pela vida abraçaram as oportunidades e não desistiram de lutar.

AGRADECIMENTOS

Neste momento as palavras me faltam e as lágrimas insistem em deslizar pelo meu rosto. Uma junção de sentimentos borbulha dentro de mim, e a felicidade de realizar algo tão sonhado me transforma de forma instantânea. Primeiramente agradeço imensamente a Deus pelo dom da vida, por me fortalecer quando infelizmente toda a minha família foi atingida pela Covid-19, e por um momento imaginei que os perderia e jamais chegaria neste dia. Mas, graças a Ele fomos guardados, cuidados por profissionais, por pessoas de bom coração e comprometidos com a ciência. À minha Mãe de devoção, Nossa Senhora das Graças, por tamanha graça concedida e por não desistir dos meus sonhos, quando eu mesma desisti.

Agradeço aos meus pais, que nunca deixaram faltar a comida na mesa e os livros na cabeça. Eles que vieram do interior, de suas respectivas cidades e vivenciaram o amargo da vida muito cedo, mas não permitiram que isso refletisse em minha educação e formação. A eles, toda a minha vida e dedicação. Aos meus irmãos, que me ensinaram a importância do amor e do cuidado com o próximo. Aos meus amigos, que sempre me apoiaram e acreditaram na minha capacidade de vencer mais uma etapa da vida, a cada mensagem, palavra, carinho e até mesmo descontração, tudo isso foi essencial. Em especial ao meu amigo João Vitor Lima, que todos os dias me incentivava a conquistar este sonho, mas em maio deste ano, teve sua vida interrompida.

A cada professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, que trouxe riqueza e conhecimento à minha vida. Obrigada por toda dedicação, vocês, professores, mudaram minha forma de pensar e ver o mundo para além da simples suposição e despertaram em mim a paixão por esta profissão que nunca imaginei exercer. Me fizeram acreditar que pessoas comuns são capazes de mudar e fazer história. Além de enfatizar o compromisso do jornalista com a sociedade, com a informação e com a formação de opiniões.

Por fim, e não menos importante, agradeço imensamente ao meu querido professor e orientador, Alexandre Zarate Maciel, que por três insistentes vezes não soltou minha mão. Me fez acreditar que conseguiria construir toda esta monografia e, assim, oficializar minha carreira como jornalista devidamente diplomada. Obrigada, professor, pelo seu empenho, dedicação e pela sua escolha de se tornar o que é. O seu esforço e atenção despertaram em mim o desejo de vencer, pois você acreditou

em mim quando havia perdido minhas esperanças. E a você, querido leitor que se interessou por este trabalho acadêmico, obrigada. A todos uma boa leitura.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as características jornalísticas de quatro radioreportagens vencedoras do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Estas matérias buscam, de forma contextualizada e aprofundada, contar histórias de vidas relacionadas a determinadas questões sociais. A base teórica foram os estudos de Ferraretto (2014 e 2001), Viana (2016, 2018 e 2020), Barros e Veloso (2016) e Ferraz (2016), que explicam a importância e os mecanismos de elaboração da reportagem em profundidade. As reflexões de Ijuim (2014 e 2017) e Ijuim e Sardinha (2009), trazem luz às discussões sobre a forma de se humanizar as fontes. Os esclarecimentos de Alves e Lopez (2021) e Ramos (2020) enriqueceram as teorias sobre a necessidade de se usar de forma correta os recursos sonoros com o objetivo de mergulhar o ouvinte na história. Para a análise, foram definidas categorias como o equilíbrio das fontes e de que maneira elas foram humanizadas, a contextualização das radioreportagens e o uso dos recursos sonoros. O envolvimento sensível e ético dos produtores no processo de elaboração do material fica evidente nos depoimentos de duas repórteres entrevistadas. A conclusão é que, nas radioreportagens premiadas selecionadas, estão presentes os aspectos da contextualização, humanização, aprofundamento, inovações narrativas e uso didático dos recursos sonoros.

PALAVRAS-CHAVE: Radioreportagem; humanização; contextualização; aprofundamento; recursos sonoros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Radiorreportagem Mulheres no Cárcere.....	42
Figura 2: Radiorreportagem LGBTfobia medo de quê?.....	42
Figura 3: Radiorreportagem LGBTfobia medo de quê?.....	43
Figura 4: Radiorreportagem LGBTfobia medo de quê?.....	43
Figura 5: Radiorreportagem Confinamento: 3 meses depois.....	44
Figura 6: Radiorreportagem Confinamento: 3 meses depois.....	44
Figura 7: Radiorreportagem Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar.....	45
Figura 8: Radiorreportagem Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar.....	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - RÁDIO: ALÉM DA HISTÓRIA E DAS FRONTEIRAS DA INFORMAÇÃO.....	17
1.1 Convergência midiática e o rádio: expansão e aproximação do ouvinte.....	19
1.2 Fora da rotina: fuga do cotidiano na grande reportagem radiofônica.....	23
1.3 Rádio e humanismo: algumas ideias.....	27
1.4 Sons do sonhar: radioreportagem como fio condutor da imaginação.....	32
CAPÍTULO 2 - CONHECENDO A METODOLOGIA E AS RADIORREPORTAGENS PREMIADAS.....	36
2.1 Discutindo a digitalização das radioreportagens.....	40
2.2 Das vozes à humanização.....	46
2.3 Recursos sonoros: o áudio como imersão nas radioreportagens.....	56
CAPÍTULO 3 – “EU ME ENVOLVI BASTANTE E TENTEI COLOCAR UM POUCO DESSE SENTIMENTO QUE EU TIVE NA REDAÇÃO DA MATÉRIA”: AS JORNALISTAS FALAM.....	63
3.1 A humanização segundo as jornalistas.....	65
3.2 Explicando os recursos sonoros.....	68
3.3 A escolha das jornalistas em pauta.....	69
3.4 Compreendendo o caminho até o ouvinte.....	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS.....	81
ANEXOS.....	85

INTRODUÇÃO

Comparada com as redações de TV, impresso e webjornal, a produção jornalística em rádio não perde as características gerais do imediatismo, da apuração apressada, da objetividade cotidiana e do cumprimento do *deadline*. Estes são critérios exigidos nos veículos de comunicação tradicionais e que seguem linhas de produção semelhantes. Porém, mesmo diante dessa rotina acelerada e sem pausa para a apuração mais cuidadosa dos fatos, no contexto das redações jornalísticas, em especial na produção em rádio, existem outras formas de elaborar um conteúdo alongado e em profundidade, sem perder o caráter informacional.

Assim, a grande reportagem em rádio, também conhecida como especial, ou em profundidade, é uma prática jornalística que busca narrar, de maneira específica e minuciosa, um determinado assunto de relevância social. Com o objetivo de compreender sobre os seus processos no quesito humanístico, a proposta deste trabalho foi a de desvendar as características e os recursos jornalísticos apresentados em quatro grandes reportagens premiadas de rádio. Elas trazem, cada qual com o seu estilo, temas, discussões e fontes variadas e foram veiculadas por emissoras diferentes nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021.

Interessou, portanto, investigar e debater se a grande reportagem em rádio, produzida em profundidade e mais tempo, favorece a produção jornalística ao apresentar, por hipótese, um conteúdo mais contextualizado, didático e humanizado. Para responder a essas questões, buscou-se explorar e verificar essas três características, a partir de recursos sonoros, inovações narrativas e uso mais plural de fontes presentes nas grandes reportagens em rádio premiadas.

Também se analisou o equilíbrio das vozes dos entrevistados com o contexto fornecido pelas fontes documentais. Outro propósito foi o de compreender a narrativa da humanização, com foco no entendimento do processo de construção e aprofundamento dos temas centrais abordados nas reportagens especiais. Além destes aspectos, busca-se entender como os recursos sonoros são utilizados nas grandes reportagens, a serviço de uma contextualização mais evidente.

Este trabalho buscou discutir, ainda, de que maneira a convergência midiática e o universo da *internet* podem favorecer na divulgação das radioreportagens mais alongadas. Para complementar o olhar analítico sobre as reportagens, foram entrevistadas duas repórteres responsáveis pelas produções de duas delas, com o

objetivo de entender os bastidores jornalísticos, bem como os princípios de humanização, ética e de envolvimento com os personagens dessas profissionais na construção das matérias.

Esta monografia tem como base teórica os estudos de Viana (2016 e 2018), Barros e Veloso (2016) e Ferraz (2016). Eles entendem a reportagem radiofônica expandida como um novo conceito de produção jornalística em áudio. Esses autores destacam como principal qualidade desse formato a participação do ouvinte por meio de linguagem sonora e a consideram como expressão máxima da prática jornalística, devido à exigência de uma produção com profundidade. Essa ótica foi importante, pois este trabalho busca colocar em evidência os relatos que são apresentados em cada uma das quatro reportagens premiadas. Proporciona-se, assim, um debate para analisar de forma detalhada cada um dos recursos utilizados nas matérias em estudo.

Para compreender melhor as características de uma radiorreportagem em profundidade e os elementos que a diferem de outras matérias, este trabalho traz as considerações de Ferraretto (2014). O autor ressalta que a reportagem especial oferece uma ampliação quantitativa e muitos mais qualitativa, se comparada com os trabalhos jornalísticos cotidianos dos boletins informativos. Por meio destas características, Ramos (2020) destaca que o rádio possui a capacidade de criar vínculos. Além disso, os aspectos de humanização foram analisados conforme as reflexões de Ijuim (2014 e 2017) e Ijuim e Sardinha (2009). Segundo os autores, humanizar é colocar o ser humano no centro das comunicações, já que a relação dos veículos e da informação está associada aos grupos sociais em que estão inseridos.

Outro objetivo foi o de verificar a forma que os recursos sonoros, como músicas, sons ambientes, vinhetas e *backgrounds* (BGS) são utilizados em cada reportagem premiada. Ferraretto (2014) destaca que os sons em uma radiorreportagem cumprem a missão de levar o ouvinte ao lugar da notícia. Já Silva (2016) comenta que a inclusão de efeitos sonoros em uma obra radiofônica colabora na construção da credibilidade do material apresentado, mas pondera que o recurso deve ser usado com moderação.

Alves e Lopez (2021) favorecem a análise, neste ponto, ao apresentar o que chamam de “projeto acústico”. Ramos (2020) põe em evidência a importância dos recursos sonoros que vão além da fala humana e dos demais artifícios, entregando ao ouvinte a possibilidade de criar suas imagens sonoras, o que traz para o universo da radiorreportagem um novo conceito de informar. Fazendo uso desses recursos, Viana (2020) acredita que é possível oferecer ao ouvinte uma “imersão” nas histórias

contadas. O foco desta pesquisa foi justamente nesse gênero, que vem oferecendo novas experiências aos ouvintes e mesmo assim ainda não contabiliza um volume significativo de estudos no campo acadêmico.

A primeira radiorreportagem escolhida para análise tem como título “Mulheres no Cárcere”¹ e foi veiculada em 26 de maio de 2018, por meio da Radioagência Nacional - EBC de Brasília – Distrito Federal. Esta reportagem ganhou uma menção honrosa no 40º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, que ocorreu em 11 de outubro do mesmo ano. Trata-se de uma série composta por três reportagens especiais que abordam a situação de mulheres privadas de liberdade. A narração apresenta a história de algumas ex-detentas, que evidenciam problemas como a falta de estrutura nas unidades prisionais para atender mulheres com filhos recém-nascidos. Outro ponto destaca a violência psicológica a que são submetidas essas mulheres dentro e fora dos presídios brasileiros, além de evidenciar a dificuldade de ex-detentas em serem ressocializadas e de conseguirem emprego após saírem das unidades prisionais no Brasil.

A segunda radiorreportagem selecionada é “LGBTFobia: Medo de quê?”.² Veiculada pela Rádio CBN de São Paulo em 4 de junho de 2019, foi a ganhadora do 41º Prêmio Vladimir Herzog, em 24 de outubro de 2019. A reportagem debate o termo e expõe as questões sociais que envolvem a criminalização da homofobia, decidida pelo Supremo Tribunal Federal (STF), naquele mesmo ano. Também esmiúça o significado da palavra “LGBTFobia”, definida como um medo da comunidade em geral de ter que conviver, entender e respeitar pessoas LGBTQIA+ (Lésbicas, gays, transgênero, queer, intersex e assexuadas). Na primeira parte, a reportagem aborda o lugar de pertencimento das pessoas que integram o grupo. Já a segunda explora o respeito e os direitos que os membros dessa comunidade reivindicam dentro da sociedade. A radiorreportagem faz parte do podcast “Vozes: Histórias e Reflexões”, que conta histórias de vida de pessoas que sofrem o preconceito da LGBTFobia no Brasil.

¹ A reportagem pode ser acessada em: <https://premiomvladimirherzog.org/premio/uploads/mulheres-no-carcere.mp3>

² A reportagem pode ser acessada em: <https://soundcloud.com/user-267892453/lgbtfobia-medo-de-que/s-sO2t7>

A terceira radiorreportagem faz parte do podcast Finitude³, da Rádio Guarda-Chuva, associada à rede B9 e tem como proposta trazer uma experiência profunda sobre o confinamento no Hospital Premier, em São Paulo, durante a pandemia da Covid-19, em particular nos meses de março a junho de 2020. O episódio premiado foi divulgado em 30 de junho de 2020 e recebeu menção honrosa do 42º Prêmio Vladimir Herzog, em 25 de outubro do mesmo ano. O Finitude apresenta o isolamento total do hospital que trata de pessoas com doenças crônicas, especialmente idosos portadores de patologias como neoplasias em estágio avançado, demências e sequelas neurológicas, entre outras enfermidades.

Tendo como título “Confinamento: 3 meses depois”, o episódio premiado aborda o reflexo na vida dos pacientes, acompanhantes e funcionários diante dessa decisão do hospital em fechar totalmente as portas, sem permitir a entrada ou a saída de muitas pessoas, para que a doença não atingisse de forma violenta todos que ali se encontravam. Esse episódio foi gravado totalmente no hospital e buscou colher depoimentos de funcionários, pacientes e de pessoas que acompanham seus doentes que aceitaram esse desafio de “viver” no hospital ao longo de três meses, para não se exporem ao risco.

A quarta radiorreportagem escolhida tem como tema “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”.⁴ Ela foi veiculada em 23 de junho de 2021, na Rádio Brasil de Fato, em São Paulo. A produção ganhou menção honrosa no 43º Prêmio Vladimir Herzog, com cerimônia de premiação no dia 25 de outubro do mesmo ano, por meio do YouTube. A reportagem debate os direitos de crianças refugiadas no processo de migração para outros países, em especial para o Brasil e também destaca que elas possuem os mesmos direitos que meninos e meninas brasileiras. A matéria ressalta falas e entrevistas com crianças refugiadas de alguns lugares do mundo, como Venezuela, Angola, Rússia, Haiti e Síria.

Com objetivo de observar as características jornalísticas das quatro radiorreportagens, este trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro, essencialmente teórico, é apresentado um rápido recorte da história do rádio e as suas transformações tecnológicas, tendo como base os estudos de Ortriwano (2002-2003),

³ A reportagem pode ser acessada em: <https://www.b9.com.br/shows/finitude/finitude-confinamento-3-meses-depois/>

⁴ A reportagem pode ser acessada em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/23/criancas-refugiadas-discutem-o-direito-de-migrar-no-radinho-bdf>

Pedro Vaz Filho (2019) e Ferraretto (2001). Em seguida, discute-se a convergência midiática e adaptação do veículo ao ambiente da *internet*, com base nos pensamentos de Del Bianco e Prata (2020), Viana e Lopez (2015), Ferraretto (2014), Vicente (2018) e Júnior (2021), que explicam o processo de adaptação do rádio desde o meio tradicional até a era do *podcasting*.

Para iluminar as vantagens do formato de grande reportagem em rádio, são apresentados, ainda no primeiro capítulo, os estudos de Lopes (2013), Medina (2003), Lima (2016), Pena (2006), Barros e Veloso (2016), Zuculoto e Zimmermann (2019) e Ferraz (2016). E para entender como as quatro reportagens trabalharam a humanização, colaboram as teorias de Ijuim (2014 e 2017), Ijuim e Sardinha (2009) e Viana (2018), além do ART. 6º, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), de 2007. Por fim, debate-se o uso dos recursos sonoros e como esses artifícios ajudam a melhorar a comunicação didática dos temas nas radorreportagens, a partir das reflexões de Ferraretto (2014), Alves e Lopez (2021), Silva (2006), Viana (2018 e 2020), e Ramos (2020).

A lógica desses pesquisadores ajudou a compor categorias específicas, a partir da metodologia de análise de conteúdo inspirada em Bardin. No segundo capítulo são avaliados, de maneira detalhada, cada um dos aspectos propostos no debate teórico, procurando observar como eles se manifestam nas quatro radorreportagens premiadas. A primeira categoria discute o aprofundamento desses materiais e o seu processo de digitalização, relembrando as teorias de Ferraz (2016) e Viana e Lopez (2015). No segundo, exemplificou-se os momentos que as grandes reportagens humanizaram as fontes, inspirado nos parâmetros de Ijuim (2014 e 2017). Já na terceira categoria, as abordagens giraram em torno dos recursos sonoros como enriquecimento das narrativas, tendo por base os autores Ferraretto (2014), Alves e Lopez (2021), Ramos (2020) e Viana (2018-2020).

O terceiro e último capítulo traz entrevistas e um “debate” virtual com duas das quatro jornalistas responsáveis pela produção das reportagens analisadas. São elas: Danyele Soares, produtora e locutora da série “Mulheres no Cárcere”, da Radioagência Nacional, e Juliana Dantas, autora e locutora do *podcast* “Confinamento, 3 meses depois”. As entrevistas qualitativas foram fundamentais para compreender os padrões de elaboração das grandes reportagens, a maneira como cada uma das jornalistas se envolveu eticamente com as pautas e personagens, bem como operou a construção social da realidade, sempre em sintonia com os ouvintes.

A escolha das quatro radiorreportagens premiadas partiu de uma pré-análise feita em cada uma, em que foram evidenciados todos os recursos usados e de que maneira esses artifícios favoreceram a construção da matéria, levando em consideração aquilo que o corpo das reportagens premiadas trazia de riqueza para esta pesquisa. A partir disto, este trabalho fez a relação dos objetos escolhidos para a análise, com a bibliografia estudada, demonstrando o que estava na teoria, por meio da prática.

CAPÍTULO 1 - RÁDIO: ALÉM DA HISTÓRIA E DAS FRONTEIRAS DA INFORMAÇÃO

Para a contextualização deste capítulo, que debate o lugar do rádio além dos limites informacionais, é importante resumir a trajetória deste meio de comunicação. Zuculoto e Zimmermann (2019, p. 13) argumentam que “conhecer e compreender a trajetória de constituição do radiojornalismo, com ênfase na sua fundamental prática que é a reportagem, torna-se, portanto, essencial para o entendimento do seu cenário contemporâneo e do atual fazer radiojornalístico”.

Desde a sua origem, o rádio mantém uma importante atuação na sociedade. Ortriwano (2002-2003) aponta que a radiodifusão surgiu no Brasil em 6 de abril de 1919, no Recife, quando foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco, também conhecida como “Canhão do Nordeste”. Pedro Vaz Filho (2019) destaca, porém, que este marco é uma incógnita. Mas, segundo o autor, nas memórias de Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão Filho, a Rádio Clube de Pernambuco aparece como pioneira na transmissão de programações e na apresentação de conjuntos musicais próprios da região. Em julho de 2020 foi divulgada a Carta de Natal⁵, responsável por reconhecer o pioneirismo da Rádio Clube. O documento foi assinado por estudiosos do Grupo de Pesquisa História da Mídia Sonora da Alcar (Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia).

Porém, uma outra data demarca a história da radiodifusão no Brasil, sendo muito mais lembrada do que a primeira: as comemorações do Centenário da Independência do país, em 7 de setembro de 1922. Na ocasião, o então presidente da República, Epitácio Pessoa, fez o discurso de abertura da Exposição Internacional do Rio de Janeiro, transmitido pelos 80 receptores especialmente importados para a comemoração.

A demonstração realizada neste dia chamou a atenção de um dos pioneiros do rádio no país, Edgard Roquette-Pinto, considerado o “pai da radiodifusão”. Após o evento, ele conseguiu convencer a Academia Brasileira de Ciências a patrocinar a criação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Mas, somente em 20 de abril de 1923 a emissora começou a operar de maneira regular no país. Ainda segundo Ortriwano (2002-2003), depois desta data, o rádio participou de todos os movimentos da vida

⁵ **Jornal da Alcar**. Nº 73 – Julho 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/jornal-alcar-no-73-julho-2020>>.

social, cultural e política brasileira, desde a derrubada da República Velha (1889-1930). Organizou extensas coberturas noticiosas sobre a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), além de ter apoiado o Golpe Militar de 1964, mas também a redemocratização da Nova República (1985). Fez ecoar, ainda, nas casas dos brasileiros e brasileiras, pouco tempo depois, em 1992, o processo de impeachment de um presidente, Fernando Collor de Mello.

O radiojornalismo se consolidou e se tornou essencial no processo de comunicação. Os jornais impressos, assim como os cinejornais, não possuíam a agilidade e o alcance que o rádio detinha na época. Este cenário favoreceu o aperfeiçoamento dos equipamentos e o desenvolvimento dos sistemas de transmissão de maior alcance, o que levou à ascensão do aspecto jornalístico do rádio. A partir de 1940, essa fase chega ao auge, tornando o jornalismo mais forte e presente nas emissoras.

Com a chegada do Repórter Esso, patrocinado pela Esso Brasileira de Petróleo e com o noticiário da *United Press International*, às 12h55 do dia 28 de agosto de 1941, o jornalismo no rádio brasileiro ganhava uma nova roupagem e importância. Segundo Ferraretto (2001), de início, o Repórter Esso esteve presente na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, na Record, em São Paulo e ambas transmitiam o informativo. Mas, em julho do ano seguinte, estendeu-se para o Rio Grande do Sul (Farroupilha), Minas Gerais (Inconfidência) e Pernambuco (Jornal do Comércio).

O jornalismo esteve presente no rádio desde as primeiras experiências de exploração da radiodifusão. As emissoras, de maneira geral, são inauguradas transmitindo algum evento ou, ao menos, informando sobre sua própria existência. Primeiro meio de comunicação eletrônico, operando na velocidade do som, o rádio já nasceu *glocal*, termo cunhado recentemente em função das tecnologias hoje disponíveis: tanto contava os fatos do mundo como os da casa do vizinho. (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 67)

Com a chegada da televisão, em 18 de setembro de 1950, e de meios de convergência midiática, como a *internet*, na década de 1990, o radiojornalismo teve a sua concorrência ampliada. Mas, segundo Del Bianco (2012), o avanço tecnológico sempre representou um mecanismo de transformação para proporcionar diferentes formas de experiência e interação social.

Por isso, com essa convergência se torna possível expandir o universo do rádio. Agora, o veículo conta com mais possibilidades de construção e de distribuição

do seu conteúdo, sobretudo com a popularização da internet banda larga. Júnior e Carvalho (2018) defendem que a *internet* abriu uma série de oportunidades para o aumento da abrangência e comunicação radiofônica. A ampliação no número de plataformas e do uso dos recursos tecnológicos aperfeiçoa a interatividade e simplifica a produção das reportagens radiofônicas.

1.1 Convergência midiática e o rádio: expansão e aproximação do ouvinte

“O jornal, o rádio e a televisão, em sua composição original, apresentam estrutura massiva, com mensagens destinadas a usuários considerados homogeneizados e com a produção de conteúdo mais centralizada” (VIANA; LOPEZ, 2015, p. 509). Essa afirmativa coloca em evidência a perda do aprofundamento, da narração literária e da busca pela humanização, diante da produção rotineira do jornalismo. O rádio tradicional tem, em sua essência, a missão de agir, de forma ágil, como agente informativo da realidade e do cotidiano social.

Mas, essa ideia acabou se rompendo diante do contexto da cultura pós-massiva, instaurado pelas tecnologias digitais, a partir das quais os meios de comunicação tornaram-se mais personalizados. O receptor começou a perceber a transição de diversas informações por meio das mídias. Pois, segundo Viana e Lopez (2015), com a revolução digital, todas podem ser manipuladas e armazenadas digitalmente. Dessa forma, o ouvinte-internauta tem o poder de realizar suas próprias escolhas.

Isso não significa dizer que a migração das rádios convencionais ou a criação de novos conteúdos nas mídias digitais gere a adoção imediata de medidas que sejam abertas à participação do ouvinte. Mas, esse novo conceito o aproxima da programação, por oferecer mais liberdade ao escolher o conteúdo que quer acessar *on demand*.

Ao projetar a reflexão de Gisela Swetlana Ortriwano para o presente contexto, é possível considerar que a via de mão dupla do rádio prevista por Brecht direciona-se para uma consolidação, mas ainda não possibilitou a plena interação com o ouvinte, que apesar de dispor dos mais diversos dispositivos no ambiente digital, ainda busca maior acolhida. (GALVÃO JÚNIOR e MALULY, 2019, p. 12)

No contexto da convergência dos meios de comunicação, o rádio precisou deixar a fase dos grandes aparelhos valvulados, que antes ficavam nas salas das residências. Evoluiu dos radinhos de pilha para os dispositivos de *MP3* e agora se encontra com acesso mais facilitado em um simples toque na tela do celular. Essa característica não se atribui apenas aos novos meios de produção de áudio. As emissoras, que antes operavam em AM (amplitude modulada), ou FM (frequência modulada), agora também estão veiculando o conteúdo do rádio tradicional nas mídias sociais, até mesmo com filmagens ao vivo dos locutores no estúdio. Essa portabilidade abre espaço ao que Ferraretto (2014) chama de “Rádio como companheiro”. Segundo o autor, a sobrevivência do rádio ganhou força com o processo de transistorização tecnológica. Ou seja, hoje as ondas sonoras do rádio podem ser encontradas facilmente no bolso do ouvinte.

A pesquisa *Kantar*, do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope) de 2021, mostra que três a cada cinco pessoas escutam rádio todos os dias. Cada ouvinte passa cerca de 4h26min escutando rádio diariamente. Nas 13 regiões metropolitanas onde a consulta foi realizada, 80% do público ouve rádio. Um aumento de dois pontos percentuais em relação a 2020, quando 78% da população pesquisada dizia acompanhar programações radiofônicas.

Ainda segundo o estudo, deste total, 71% das pessoas escutam rádio em casa, 24% no carro, 10% em outros locais, 8% em trajetos e 2% no trabalho. Mesmo com essa expansão da rádio nos meios digitais, o seu uso comum ainda é bastante presente na casa dos brasileiros, já que 80% das pessoas escutam o aparelho clássico. Mas, em um ano houve um crescimento no consumo da mídia por meio do celular, saindo de 23%, em 2020, para 25%, em 2021. A pesquisa apontou ainda que, apenas no universo da *web*, 66% das pessoas ouviram rádio pelo celular, 37% pelo computador e 8% em outros equipamentos tecnológicos. O tempo diário dedicado ao meio de comunicação na *web* é de 2h44min.

Esses dados mostram a expansão do rádio desde a propagação convencional por meio das ondas *hertzianas*, até a migração do veículo aos meios digitais. Del Bianco e Prata (2020) comentam que o rádio tradicional ainda tem muita força e audiência. Portanto, é provável que continue sendo o principal meio de distribuição de informações por algumas décadas. Mas, a inserção do rádio em praticamente todas as novas plataformas de entrega de conteúdo pode ser vista com um avanço: comprova a atuação múltipla do rádio nos cenários de convergência midiática.

“Com o avanço das plataformas de entrega e consumo de conteúdo de áudio não lineares (*podcasting* e arquivos gravados), o grande desafio é superar a integração das emissoras que levam para o ambiente multiplataforma suas práticas analógicas” (DEL BIANCO; PRATA, 2020, p. 14). Diante dessa transformação, os locutores passaram a aprimorar uma técnica considerada a espinha dorsal do rádio: a fala humana. E começaram a se tornar comunicadores que conversam com o ouvinte, criando assim, uma espécie de relação e proximidade. A coloquialidade é importante, visto que, na internet, o conteúdo do rádio perde a característica do ao vivo, por poder ser consultado posteriormente. Dessa maneira, esse meio acentua a vocação, que já era original, a de “falar com o ouvinte”. Diante da cultura da portabilidade, o rádio dá a impressão de “quebrar” a solidão daqueles que o procuram.

Deve-se lembrar, ainda, a alta capacidade do meio de se amalgamar a novos suportes. Dos receptores tradicionais aos associados às chamadas novas tecnologias de informação e comunicação – cada vez menos novas, na realidade –, a mensagem radiofônica acompanha o ouvinte, chegando a ele no radiorelógio, que o desperta; no radinho de pilha, enquanto toma banho; no celular, durante o deslocamento por ônibus ou por lotação; no autorrádio do carro, em meio às aglomerações do trânsito das grandes cidades; via internet, na escuta simultânea ao trabalho; e de dezenas de outras formas. Todas conectando o público ao mundo simultaneamente às atividades do cotidiano. (FERRARETTO, 2014, p. 27)

Essa definição deixa claro que o rádio, como mídia sonora, acaba envolvendo sensorialmente o ouvinte. Em conjunto com outras mídias, o rádio possibilita a sincronização da vida em sociedade, já que o meio pode ser portado facilmente por aquele que o procura. “Vínculo não é somente uma ligação com determinada mídia ou ouvinte, mas parte de uma sequência de atos ou acontecimentos que criam elos e unem locutor e ouvintes pelas ondas do rádio” (RAMOS, 2020, p. 10). Esse fenômeno os torna parte integrante deste universo de notícias, interação, musicalização e humanização. Por outro lado, o locutor pode criar as ideias e um ambiente, até mesmo dentro de casa. Desde que ele saiba como manusear, como informar de maneira correta e como utilizar os recursos sonoros, que são primordiais na produção da programação.

Um fato que acabou de ocorrer já era informado facilmente pelas ondas sonoras do rádio, não apenas neste contexto da contemporaneidade, mas desde o surgimento da transmissão radiofônica, esta é uma das suas principais características.

A rapidez da atualidade exige atenção constante do jornalista. “As condições históricas que proporcionaram ao rádio divulgar os fatos no exato momento em que eles ocorrem regulam o compasso entre transmissão e recepção radiofônica” (ZIMMERMANN; ZUCULOTO, 2021, p. 5). Diante de todo esse cenário descrito, as radorreportagens podem permitir ao locutor e ouvintes um acesso amplo, interativo, imaginativo e intuitivo diante das ondas de informação do rádio.

Um outro formato de busca pela informação e outros meios de entretenimento no ambiente da *internet* é o *podcasting*. De acordo com a pesquisa *Kantar*, do Ibope, de 2021, 31% das pessoas ouviram podcasts em algum momento do dia. Júnior (2021) destaca que a história deste formato, como o conhecemos, está totalmente vinculada ao surgimento dos *blogs*, mas esse assunto é conversa para outro trabalho.

Segundo o autor, o *podcasting*, surgiu em fevereiro de 2004, no jornal *The Guardian*. Inicialmente esteve ligado à *Apple*, mas logo foi popularizado globalmente com programas de áudio ou vídeo distribuídos via *web*. O grande diferencial foi a possibilidade de o conteúdo ir até o usuário e não o contrário, facilitando o consumo.

Essa tecnologia de compressão e emissão de arquivos de áudio evoluiu para um novo patamar quando a estrutura da *internet* melhorou a ponto de permitir a transmissão simultânea dos servidores para os usuários, no que chamamos de *streaming*. As tecnologias tinham gerado uma confluência que levou a novas formas de consumo de mídia alterando por completo a relação dos usuários com os meios de comunicação, com a indústria de entretenimento, com a produção e comercialização de produtos audiovisuais baseados na *web*, entre eles, os jornalísticos (JÚNIOR, 2021, p. 5).

Inicialmente, a prática do *podcasting* estava associada à distribuição de arquivos de áudio na *internet* para posterior *download* e reprodução. Mas, com o passar do tempo, foi chamando a atenção de emissoras radiojornalísticas convencionais, que passaram a aderir ao formato em suas programações, especialmente em sites. “O sucesso teve início com *Serial* (2014), um podcast de jornalismo investigativo que foi ofertado como uma espécie de conteúdo extra do programa de rádio público americano *This American Life*” (FARIAS, 2021, p. 6). Com a massificação dos aparelhos de celular com mais memória e acesso rápido à *internet*, que substituíram os aparelhos de *MP3*, o formato se expandiu. No Brasil, o potencial dos *podcasts* jornalísticos são visíveis no investimento das empresas de comunicação.

Vicente (2018) pontua que o formato *podcast* vive seu apogeu. Segundo ele, “ainda que afirmações sobre uma suposta ‘era de ouro’ não tenham validade acadêmica, é preciso reconhecer que elas certamente expressam uma crescente valorização social da prática do *podcasting* e das produções desenvolvidas” (VICENTE, 2018, p. 2). O que é notável nos dias atuais, já que, inclusive, três das quatro grandes reportagens premiadas que são analisadas neste trabalho fazem parte do universo do *podcasting*. São elas: “LGBTfobia: Medo de quê?”, “Confinamento: 3 meses depois” e “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”. Essas reportagens fazem uso extensivo dos recursos que são disponibilizados com mais facilidade no universo da internet, que serão apresentados mais adiante neste trabalho.

“Paralelamente ao desenvolvimento dos blogs, as tecnologias de áudio e vídeo também avançaram rapidamente, possibilitando uma junção de oportunidades que levaram ao desenvolvimento do conceito de *podcast* jornalísticos que temos atualmente” (JÚNIOR, 2021, p.12). Porém, estabelecem um desafio à comunicação radiofônica: o que antes era centralizado em uma linha linear de informação, passa a disputar espaço com diversos outros atrativos encontrados *online*.

Por outro lado, a internet abre uma série de oportunidades para ampliar o número de plataformas disponíveis à escuta das emissoras. Facilita, ainda, o uso de recursos tecnológicos, que buscam melhorar a interatividade com o ouvinte e simplificar o processo de produção e construção de uma reportagem radiofônica.

1.2 Fora da rotina: fuga do cotidiano na grande reportagem radiofônica

Diante de um cenário repleto de acontecimentos factuais, as coberturas jornalísticas tendem a ficar presas à objetividade, à apuração sem muitos detalhes. O tempo escasso para finalizar as pautas, e o limite de caracteres dos textos noticiosos impostos pelas redações são fatores que limitam o aprofundamento. Segundo Tuchman (1973), a rotinização das redações jornalísticas constitui um componente que facilita o controle dos fluxos de trabalho, reduzindo, dessa maneira, o amplo universo de eventos e informações do cotidiano diante das notícias.

Com isso, os jornalistas tendem a apresentar soluções rápidas para problemas diários que surgem diante das pautas. Isso resulta em um controle implícito no

trabalho de repórteres e editores, que ficam reduzidos a soluções ágeis e à apresentação de fatos objetivos, claros e diretos.

Maturados em notícia, os acontecimentos são renomeados, definidos e peneirados segundo critérios de noticiabilidade. É, portanto, mais que o acontecimento em discurso, pois a notícia impressa ou que vai ao ar torna-se, necessariamente, outro acontecimento. O noticiário funciona, desse modo, como referência de valores, reverberando um conjunto de emoções substitutivas, re-definindo tradições e crenças. (MARROQUIM, 2010, p. 7)

O jornalismo diário tem por marca a apuração imediata. Não pode esperar algum tempo para que a informação seja publicada. A meta é alcançar todos os públicos e chegar ao tão falado “furo de reportagem”. Segundo Traquina (2005), o fator tempo condiciona todo o processo de produção das notícias, pois a profissão é marcada pelas horas de fechamento. Diante dessa situação, o valor da objetividade provoca polêmica, já que as notícias são vistas como perecíveis, posto que valorizam a velocidade. Por isso, deixam escapar detalhes noticiosos que também são preciosos diante da realidade social.

Lopes (2013) menciona que o início do século XXI é marcado por transformações na radioreportagem. Isso se deve à ideia do imediatismo, que já nasceu forte com o próprio radiojornalismo. Segundo a autora, com a ascensão das novas tecnologias, crescem os questionamentos sobre o destino do rádio e da cobertura jornalística em seu contexto. Isto gera uma preocupação com a composição dos boletins noticiosos, que passam a exigir a reconstituição dos espaços sonoros, a linguagem, a importância das saídas às ruas, a interatividade e a onipresença do ouvinte. Já que “por meio da radioreportagem, o ouvinte possui as informações necessárias para a interpretação do fato, seja pela descrição dos fatos narrados ou pela amplitude na produção da notícia” (LOPES, 2013, p. 32).

Júnior e Carvalho (2018) trazem esse olhar para o contexto do radiojornalismo. Segundo eles, os meios tradicionais não atendem às necessidades de informação e entretenimento do público, já que costumam reproduzir modelos esgotados ou em fase de esvaziamento. Tal fenômeno gera desinteresse no consumo dos conteúdos dos formatos mais comuns, baseados na produção analógica. Os autores pontuam ainda que, com o avanço do rádio na internet, os profissionais do setor estão submetidos à urgência de gerar conteúdos novos e exclusivos, o que causa uma

alteração na estrutura narrativa da mídia. Ela passa a ser mais pontual, com conteúdos que devem cumprir uma “maratona diária de produção”.

A reportagem em profundidade, por sua vez, traz consigo a característica do aprofundamento e contextualização da análise do fato ocorrido ou problemática social, pois conta com mais tempo de elaboração. Tem como principal característica, em qualquer mídia, apresentar uma narrativa linear, que explora todos os campos da cronologia dos acontecimentos. Constitui, assim, uma solução para a lacuna que muitas vezes não é preenchida na correria das redações cotidianas.

Medina (2003) afirma que a essência das reflexões históricas do jornalismo deve vir imbuída de humanização na vitalidade do cotidiano. Na sua concepção, a pedagogia de um novo jornalismo precisa recuperar o prazer e o desejo solidário de descobrir as pessoas. Afasta-se um pouco, do modelo mental do *lead*, com as perguntas tradicionais quem, o quê, quando, onde, como e por quê, fórmula pronta das produções jornalísticas.

No contexto do “jornalismo aprofundado”, existe o jornalismo literário, ou *New Journalism* (Novo Jornalismo). De acordo com Lima (2016), a prática do jornalismo literário permite ao profissional da comunicação brincar com o texto, inserindo vários ângulos na reportagem seja dos entrevistados, ou do fato. Experiência diferente do jornalismo tradicional, no qual não pode haver margens de dúvidas por parte dos leitores, por se tratar de matérias diretas, que informam o fato em si. A prática faz uso de técnicas da literatura na maneira de colher material, na redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos.

Ainda segundo Lima (2016) no *New Journalism*, o autor pode tornar a narrativa do fato mais atraente. A narração em terceira ou primeira pessoa transmite a quem está lendo, ou ouvindo, o estímulo à imaginação. Portanto, o jornalismo literário é como uma linguagem “musical” de transformação expressiva. Porém, não se trata, na ótica do autor, apenas de retratar a oposição entre informar e entreter. Mas, sim, de uma narrativa na qual ambos estão misturados, baseados na precisão da textualidade, clareza e simplicidade.

Por isto, Pena (2006, p. 8) diz que

“uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência”.

Dessa maneira, as reportagens em profundidade representam uma fuga da efemeridade cotidiana presente no jornalismo diário. E aqui, se encaixam os especiais jornalísticos de rádio. Eles costumam apresentar detalhes minuciosos de um fato ocorrido, tendo como principal foco a fonte, ou a voz humana. Esse discurso foge da simples denúncia rotineira, e adentra um universo de possibilidades, ângulos e exposições de histórias marcantes.

Para Barros e Veloso (2016), a incessante busca por material noticioso faz com que as grandes reportagens, capazes de oferecer mais noção ao assunto abordado, tenham mais qualidade e quantidade. Os autores esclarecem ainda, que

o grau máximo de expressão da prática jornalística, contudo, verifica-se na reportagem, posto que sua realização exige profundidade. A reportagem requer uma busca obstinada de informações não superficiais capazes de esclarecer um fato ou situação. É o formato do gênero jornalístico informativo que interpreta o cotidiano e possibilita ao interlocutor maior conhecimento sobre determinado assunto (BARROS E VELOSO, 2016, p. 154).

A justificativa evidencia a grande reportagem em rádio como instrumento de credibilidade do jornalismo radiofônico. Para executá-la, o repórter necessita procurar a informação diretamente da fonte ou do local do acontecimento. Além disso, Ramos (2020) menciona que o rádio não é apenas um veículo de difusão de informações, mas um meio de comunicação e expressão. A linguagem do veículo sugere imagens auditivas com um caráter múltiplo, que vai muito além da palavra verbal-oral e da ausência de imagens irradiadas.

Zuculoto e Zimmermann (2019, p. 13) comentam que as transformações tecnológicas do rádio geraram mudanças na produção e transmissão das informações, principalmente na reportagem. “Nas reportagens é onde mais praticamos – ou podemos praticar - o uso de características e recursos do rádio e sua linguagem específica”. Mas, segundo os autores, este potencial não tem sido totalmente explorado e utilizado.

Para Ferraz (2016), a reportagem é o ponto alto da produção jornalística. Nela, o repórter tem a chance de encontrar a grande história humana. Só o olhar mais aprofundado e paciente é capaz de analisar as causas e consequências históricas presentes nos fenômenos sociais. “A reportagem é o refletor do cotidiano que importa

a todo o público. É uma arte a atingir um grande público. Ela é uma arte, sobretudo no rádio, quando feita com sons ambientes que narram também a história” (FERRAZ, 2016, p. 103).

O autor pontua, ainda, que com a prática é possível criar uma narração impressionista. Os elementos de inspiração literária formam uma grande malha discursiva capaz de captar o imaginário do ouvinte, resgatando essa tradição do rádio. “Ao ser aplicada à prática do radiojornalismo, a reportagem é reafirmada como uma atribuição elementar do repórter, que é responsável pela cobertura dos assuntos, pela coleta das informações, pela realização de entrevistas e pela elaboração das mensagens difundidas pelo rádio” (JÚNIOR; MALULY, 2019, p. 5).

Portanto, cabe ao repórter, no processo de apuração e montagem da reportagem, a análise dos fatos e das versões de uma determinada temática ou assunto que será abordado. O propósito da reportagem no rádio é justamente ampliar o contexto daquilo que será dito para ser ouvido. Além disso, o repórter precisa colocar em evidência o principal foco da reportagem radiofônica, o ouvinte. Jung (2004), afirma que a produção jornalística precisa ser voltada só para ele. Para o autor, o jornalista que perder de vista este principal motivo, deixa de ser profissional e se transforma em um burocrata. “Um carimbador de cartório que autoriza ou recusa um documento — no caso, a notícia — sem ter noção do impacto na sociedade da medida adotada” (JUNG, 2004, p. 9). Esta afirmativa de Jung, põe em evidência o princípio norteador do jornalismo e em especial no veículo aqui estudado, o rádio, de colocar o ser humano como o centro da informação.

1.3 Rádio e humanismo: algumas ideias

De acordo com Ferraretto (2014), a grande reportagem, também conhecida como reportagem especial ou reportagem em profundidade, apresenta um meio-termo em sua construção, entre o noticiário comum, do dia a dia e o documentário. Trata-se de uma ampliação quantitativa e, muito mais profundamente, qualitativa se comparada com o trabalho usual nos boletins informativos diários de uma emissora de rádio.

Além disso, a grande reportagem em rádio atende o quesito primordial da humanização. Busca apresentar uma pluralidade de vozes e centraliza a narração de histórias com o objetivo de elaborar um banco de dados que contenha relatos importantes para a sociedade. Segundo Ijuim (2014), humanizar é colocar o ser

humano como centro das preocupações sociais. O jornalista deve respeitar as diferentes culturas e afirmar a existência da igualdade de todos os seres humanos. Desenvolver, portanto, um conceito que ultrapassa a realidade absoluta.

Por essas razões, pode-se afirmar que o jornalismo é desenvolvido graças à exclusiva capacidade humana de criar sistemas de comunicação. Como foi sistematizado, sobretudo a partir da modernidade, este incorpora os influxos humanizadores do pensamento moderno, o que lhe proporciona a oportunidade de operar no processo de humanização da sociedade. Mais, uma vez, vale a complexificação do questionamento inicial: – Todos os preceitos da Modernidade repercutiram de maneira humanizada na sociedade? E, por isso mesmo, todo jornalismo é humanista, ou humanizador? (IJUIM, 2014, p. 4).

Portanto, a grande reportagem em rádio propõe essa forma de se fazer jornalismo com aprofundamento. Também ambiciona uma fuga dos limites impostos pela mídia tradicional e estimula a valorização do ser, por meio da fala das fontes. E quando se fala em entrevistados, não pretende se restringir aqui apenas aos oficiais. Embora as autoridades muitas vezes sejam o principal foco dos jornais convencionais, para a reportagem importam mais as vozes das ruas, as fontes representativas da sociedade, como são chamadas no meio jornalístico. Estas devem e precisam ser o foco central da narração e produção de notícias. Além disso, o repórter deve orquestrar este coral, visto que a espinha dorsal da produção jornalística no rádio é a voz humana.

De acordo com Viana (2018), a reportagem radiofônica tem como principal qualidade a participação do ouvinte por meio da linguagem sonora. Uma narrativa linear, que segue a ordem cronológica dos acontecimentos, inclui a efemeridade da informação e o aprofundamento do fato explorado. Infelizmente, no meio de produção, muitos repórteres responsáveis pela apuração e percepção da construção das matérias ficam presos às linhas ideológicas e editoriais. Isso dificulta a expansão das matérias para além do mero registro factual.

Sempre há profissionais, no entanto, interessados em construir reportagens mais humanitárias e de interesse coletivo, visto que o jornalista está nas ruas, em contato com a sociedade, porém os veículos tem propostas editoriais que podem incluir ou não a reportagem especial. Mas, devido à pressa, à exigência da objetividade e às dificuldades do processo de apuração e edição, dentro da rotina das

emissoras, o repórter de rua fica condicionado, muitas vezes, ao modo “fácil”. É essencial frisar a expressão entre aspas, pois o processo exige atenção e foco devido ao cumprimento dos horários de fechamento. Medina explica que:

muitos jovens egressos da universidade, idealistas à partida, cedo denotam sintomas de infelicidade com a profissão. Quase sempre quem sente a maior frustração é o repórter, elo da cadeia produtiva que menos poder detém, mas está em contato com o mundo vivo e vivido. Ele percebe demandas na rua, no cotidiano, nos depoimentos do sujeito anônimo que, se não fossem sufocadas ou desqualificadas, dariam outro ritmo aos novos projetos de comunicação social. Mas, ao chegar da rua nas redações, esbarra com editores que, em grande parte, não estão disponíveis para “a alma encantadora das ruas”, que João do Rio consagrou. (MEDINA, 2003, p. 99)

Este profissional está a cada dia condicionado a “bater metas” e a produzir mais que o adversário. Acaba se esquecendo de quesitos primordiais do jornalismo, como a cultura, as denúncias, a informação, a formação de opiniões e a exposição dos fatos. É importante, assim, segundo aconselha Medina, superar a ilusão de “espelhá-los”, mas, sim, buscar interpretações que gerem reflexões, mudanças da consciência e sensibilidade coletiva.

Nivaldo Ferraz (2016, p.174) menciona que, em muitos momentos, os jornalistas e as emissoras de rádio deixam de aprofundar, de oferecer um conteúdo mais humanizado e de interesse social, para reproduzir notícias fúteis sobre escândalos de celebridades. O autor caracteriza essa prática como um olhar cartesiano. “Os jornalistas fazem a mesma coisa, em termos de conteúdo, todo o tempo, alterando pouco em significância sua espécie de discurso”.

Essa afirmativa põe em evidência a repetição e os vícios que os jornalistas do cotidiano acabam por cometer. Abreu (2019) destaca que, para isso não ocorrer, é preciso mais do que as técnicas de produção. É fundamental que o profissional nutra a sensibilidade da humanização da pauta e se aproxime do público-ouvinte, com o objetivo de estabelecer uma boa comunicação. O autor pontua que este é um elemento central e indispensável, principalmente, na peça de rádio.

Ijuim e Sardinha (2009) destacam que, para construir narrativas humanizadas, é necessário que o jornalista consiga absorver/compreender os fenômenos sociais. O profissional é o construtor principal das notícias. Assim, ele precisa vivenciar o processo da reportagem com o objetivo de compartilhar sua construção/compreensão da realidade baseado nas singularidades e na subjetividade.

“Ao admitir esse ponto de vista, vislumbramos ao jornalista mais que a visão simplificadora e reducionista de que sua tarefa é informar, ‘dar o fato’. Ao contrário, consideramos a noção de que o jornalista promove a comunhão entre humanos” (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 158). Com isso, o repórter não deve centralizar o seu trabalho somente na narração da verdade, mas tentar compreender o sujeito e os sentidos da consciência.

O fazer jornalístico busca versões verdadeiras e não, necessariamente, produz a verdade, pois o jornalista não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com outros seres humanos envolvidos no processo comunicativo. Dessa forma, sua busca envolve a compreensão das ações dos sujeitos da comunicação – é a expressão dos sentidos da consciência (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 171).

Com isso, o objetivo central do jornalismo humanizado é fazer com que o ser humano seja o ponto de partida e de chegada. Mas, nem sempre esses fatores são observados pelos jornalistas e pela imprensa. Jorge Ijuim (2017, p. 235), em seu artigo, *Por que humanizar o jornalismo?*, apresenta três características que desumanizam o fazer jornalístico: “(I) quando caricaturiza o ser humano, (II) quando ignora a complexidade do fenômeno, (III) quando não reconhece o Outro”.

Ijuim (2017) considera que os influxos positivistas influenciaram o modo de produção do jornalismo durante a sua evolução. Mas, este processo, fundamentado na Ciência Moderna, acabou por reduzir os fatos sociais. Este equívoco foi reproduzido no jornalismo ao encarar os acontecimentos como “coisas”, o que acabou por reduzir a grandiosidade e o valor dos fatos, além da pura notícia em si.

O autor entende que ao elaborar a pauta, o jornalista precisa estar atento aos quesitos sociais. Não deve se prender ao superficial, e, sim, buscar elementos que façam com o que o ser humano se identifique com o fazer jornalístico e com aquilo que é noticiado. Por isso, o repórter não pode focar apenas nos fatos com um pensamento disjuntivo e reducionista, ignorando a complexidade do fenômeno. Deste modo, ele perde a cumplicidade com o outro e, por isso, não retrata a vida.

Ijuim (2017) ainda pondera sobre a necessidade de se reconhecer e comunicar-se com o outro. O pesquisador pontua que o jornalismo brasileiro ainda apresenta uma estranheza com relação aos grupos sociais que não se encaixam nos padrões estabelecidos ao longo dos anos. Para exemplificar, ele recorre a matérias sobre

indígenas, migrantes, profissionais do sexo, o pobre, o negro e todas as minorias que, muitas vezes, são estereotipadas nas coberturas jornalísticas.

Para Boaventura de Sousa Santos (2010b), o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Este consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos. A divisão é tal que o “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente (IJUIM, 2017, p. 240).

Para combater este tipo de posicionamento, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em sua versão de 2007, estabelece em seu ART. 6º, § 11º que é dever do jornalista: “Defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias”. Ainda no ART. 6º, mas no § 14º, o código enfatiza que o jornalista deve “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”. Essas atribuições, no entanto, não são fórmulas prontas de produção, mas condutas que precisam ser assumidas pelos profissionais da comunicação.

Com amparo em todas essas reflexões, este trabalho analisa quatro grandes reportagens em rádio, que venceram o Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, um dos prêmios jornalísticos mais importantes do Brasil. O foco central é perceber se há um contexto social, humanístico e aprofundado nessas produções radiofônicas. No próximo capítulo, analisa-se as principais características e critérios de elaboração das narrativas radiofônicas “Mulheres no Cárcere” da Radioagência Nacional - EBC de Brasília – Distrito Federal; “LGBTFobia: Medo de quê?”, publicada pela Rádio CBN de São Paulo; “Confinamento: 3 meses depois”, da Rádio Guarda-Chuva, associada à rede B9 e “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”, da Rádio Brasil de Fato, em São Paulo. A pergunta central é se transparecem nesses trabalhos a valorização do ser humano na linguagem radiofônica.

A intenção é explorar a abordagem, apresentação, contextualização e estrutura da linguagem desses especiais. Em comum, eles usufruíram da liberdade da

produção presente no gênero da grande reportagem em rádio. Tudo isso sem perder o compromisso do jornalismo com a informação, sobretudo com as pessoas e com a sociedade. Portanto:

a liberdade da produção da reportagem permite também que o jornalista atenda a uma das funções essenciais do radiojornalismo: contar histórias. É nelas que o personagem assume protagonismo e permite a construção de uma ponte entre os sujeitos que compõem a audiência, a emissora e o acontecimento em si (VIANA, 2016, p. 173).

Assim, a grande reportagem em rádio aposta na contextualização do ocorrido com um enfoque interpretativo. Também faz uso expressivo dos diversos elementos da linguagem radiofônica, como os meios sonoros. Prioriza, ainda, as experiências e histórias das fontes, concretizando o uso da humanização, se afastando do caráter de urgência da notícia. A “imersão favorece a profundidade e também um contato afetivo com lugares e personagens visitados” (BOTELHO, 2006, p. 152).

Mas, para mergulhar em uma narrativa, os elementos sonoros são cruciais. Ramos (2020) defende que no rádio é possível se expressar de maneira detalhista: interpretar, falar alto, gritar, transmitir emoções e levar o ouvinte a criar áudio-imagens. Essas vantagens mantêm a linguagem do rádio como singular diante dos outros meios de comunicação. É como se o locutor tivesse uma liberdade para se relacionar de forma direta com o ouvinte, despertando a sua imaginação e o fazendo “sonhar”.

1.4 Sons do sonhar: radioreportagem como fio condutor da imaginação

Um dos quesitos primordiais para se fazer rádio é saber usar os sons e a linguagem falada. Não de forma pejorativa e sem o controle da situação, mas com atenção aos detalhes, à riqueza das informações e à montagem do material. Para comunicar de forma plena e sem ruídos, o rádio precisa ter em sua composição sons de fala, música e, até mesmo, silêncio, em uma única narrativa. “Enquanto a visão dá luz às imagens e representações instantâneas mais compreensivas, o ouvido sugere acontecimentos parciais do mundo” (ALVES; LOPEZ, 2021, p. 4).

Ferraretto (2014) explica que os sons em rádio têm qualificações semelhantes às das fotografias que acompanham a mídia impressa. Eles levam o ouvinte ao lugar da notícia, de uma maneira que as palavras, de modo isolado, não conseguem. “A

inclusão de ruídos (efeitos sonoros) em uma obra radiofônica tem como tendência o objetivo de provocar a associação do ouvinte com o objeto sonoramente representado. No radiojornalismo a sua utilização colabora na construção da credibilidade e da autoridade do programa” (SILVA, 2006, p. 5).

Porém, os recursos de sonoplastia, apesar de serem essenciais, precisam ser usados com moderação. De certo modo, eles podem tirar o foco principal das grandes reportagens em rádio, a fala das fontes. Portanto, a grande reportagem em rádio exige mais planejamento do que a maioria das coberturas cotidianas feitas por um profissional da área. Envolve mais tempo de pesquisa e a inclusão de diversas fontes, inclusive as que suscitam posições contraditórias.

Não pode haver descuido, também, com a escolha detalhada e precisa de efeitos sonoros, a divisão da matéria em blocos, bem como pensar na duração ideal da grande reportagem. “Utilizando-se desses elementos, a reportagem de rádio tem como objetivo proporcionar uma noção mais aprofundada do fato narrado através de histórias de interesse humano” (VIANA, 2018, p. 118).

Segundo Ramos (2020), quando se trata de rádio, se fala em som e é por meio deste que os vínculos são criados com o ouvinte. Mas, não devem ser confundidos com simples conexões, já que estabelecem envolvimento profundos, principalmente em reportagens mais alongadas, nas quais o ser humano e as histórias contadas são o centro da produção radiofônica. “A maestria de se fazer arte no meio sonoro consiste justamente na habilidade de produzir efeito (sensação) apenas por meio do material acústico, e este é o principal desafio para quem constrói narrativas sonoras” (ALVES; LOPEZ, 2021, p. 3).

No campo do rádio, ainda segundo os autores, o jornalista precisa se esforçar para “captar a vida como ela é”. É importante não deixar brechas ao ouvinte para uma audição desatenta. A composição dos sons tem um papel centralizado na potencialização das emoções compartilhadas pelos comunicadores e a audiência, com o objetivo de demarcar experiências por meio da sonoridade.

Para que a obra radiofônica seja completa é necessário que os efeitos sonoros inspirem nos ouvintes a projeção daquilo que é narrado. Caso a obra demandada não tenha atingido este objetivo, ela é ruim e incompleta. Para entender melhor esse processo, Alves e Lopez (2021) desenvolveram elementos que explicam o que eles chamam de “projeto acústico” dentro das produções em áudio, tais como radorreportagens, *podcasting*, entre outros. Vejamos a seguir:

Os núcleos “Orquestrador de Emoções”, “Enunciado Sonoro” e “Transmissão” são os elementos que influenciam diretamente o projeto acústico. Quando os três elementos não agem sobre o produto ao mesmo tempo, ocorrem efeitos que podem comprometer o objetivo central: 1) Perda da Essência Radiofônica – A principal característica do rádio é o acionamento de representações, porém, sem uma transmissão adequada, poderá haver perda dessa essência; 2) Esvaziamento do Enunciado – O orquestrador de emoções e a transmissão não garantem a construção da informação acústica. É necessário possuir o material sonoro adequado para instrumentar o enunciado; 3) Desarticulação Acústica – quando o sentido e a emoção não são acionados de maneira satisfatória, o ouvinte é estimulado a suplementar a sua experiência sonora por meio do sensorial visual (ALVES; LOPEZ, 2021, p. 6).

Com este modelo, os pesquisadores apontam cuidados na elaboração do som como ferramenta que busca suscitar as experiências. Além disso, ao ter acesso às mídias, principalmente as sonoras, o sujeito é levado a senti-las de acordo com o projeto do produtor. Este é chamado, por Alves e Lopez (2021), de “orquestrador de emoções”, já que as experiências passadas pela mídia radiofônica ao ouvinte não estão associadas apenas ao campo psicológico, mas também ao das emoções.

Longhi (2002), conforme citado por Viana (2020), apresenta uma definição desta experiência como uma imersão, “o estado de ‘sonho acordado’”. Segundo a autora, ela é resultado da rendição total do leitor, ouvinte ou espectador e concentração dos seus sentidos diante da narrativa apresentada. A autora acredita que a concepção de imersão se refere à entrada desse público a um mundo alternativo, diferente do mundo real em que o indivíduo se encontra. Assim, o rádio se apropria da narrativa imersiva, por historicamente envolver o ouvinte com a sensorialidade por meio de suas narrativas e o uso dos recursos sonoros.

No cenário auditivo, o ser é convidado a perceber o ambiente e a si próprio, criando assim uma autopercepção. O olhar é algo externo ao nosso corpo, enquanto aquilo que ouvimos ressoa dentro de nós, transportando o usuário para o local do acontecimento. Não é de hoje que o rádio faz uso desse suporte técnico para dinamizar sua audiência. Porém, como a *internet* oferece as plataformas digitais e os dispositivos tecnológicos, essa ferramenta pode ser aprimorada e potencializada para favorecer os efeitos imersivos.

Ao utilizar as plataformas digitais como suporte, o rádio apropria-se de estratégias para além do sonoro com o objetivo de proporcionar a participação do ouvinte, seja ela de forma direta por meio da interação,

ou indireta, por meio das escolhas relacionadas ao consumo das produções. Nesses ambientes, há, então, a conjugação entre o conteúdo acusticamente elaborado e as possibilidades narrativas oferecidas pelas ferramentas digitais (VIANA, 2020, p. 5).

Diferente de outras mídias, o uso adequado dos recursos sonoros como fala, vinhetas, músicas, *BGS*, instrumentalização, sons ambientes e o silêncio é essencial para fazer o ouvinte imaginar e entender melhor o que é informado. “A cadência e o ritmo das vozes, o uso de trilhas musicais, a aplicação de efeitos sonoros que dão vida e ambientação aos programas e narrativas, conferem ao veículo um caráter único” (AMARAL; JÚNIOR, 2020, p.1). De acordo com Ramos (2020), é possível dizer que o rádio vai muito além da voz falada, da música, dos efeitos especiais do fundo musical, do silêncio, do ruído e dos sons da natureza. Definir a linguagem radiofônica em um rol limitado se torna uma tarefa difícil, visto que o meio de comunicação passa por muitas mudanças.

O autor descreve, ainda, que a linguagem no rádio “possui uma linha melódica, muito provavelmente originada na linguagem das relações interpessoais, e é com uma interpretação adequada que será possível ao ouvinte formar suas imagens sonoras, sem que seja necessário um complemento visual” (RAMOS, 2020, p. 4). Neste contexto, o rádio e os seus recursos sonoros permitem ao jornalista um mundo de possibilidades para melhor informar. No próximo capítulo, toda esta reflexão teórica servirá de base para as categorias de análise das quatro grandes reportagens radiofônicas premiadas.

CAPÍTULO 2 - CONHECENDO A METODOLOGIA E AS RADIORREPORTAGENS PREMIADAS

A análise de conteúdo, conforme Bardin (1977) constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, baseada em descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Faz parte de uma busca teórica e prática, com impacto no campo das investigações sociais. Porém, supera a simples técnica de análise de dados, representa uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

Como método de investigação, ajuda a interpretar conteúdos de todas as classes de documentos provenientes de comunicação verbal ou não-verbal. Oferece, ainda, a fecundidade questionada da subjetividade no olhar e questionamentos particulares do pesquisador. “De certo modo a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal por parte do pesquisador com relação à percepção que tem dos dados. Não é possível uma leitura neutra. Toda leitura se constitui numa interpretação” (MORAES, 1999, p. 3).

Com a missão de enriquecer a pesquisa exploratória, a análise de conteúdo aumenta as possibilidades de descobertas. Trata-se de um olhar sistemático sobre os processos de comunicação, que verifica o sentido de uma ou mais informações com mais rigor. A intenção é desvelar conteúdos e estruturas de mensagens que, a priori, não apresentavam compreensões evidentes.

“Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 187). Segundo os autores, a análise de conteúdo trabalha com um discurso elaborado sobre qualidade.

As preocupações-chave são a fidedignidade, a validade, a coerência e a transparência. Elas permitem construir indicadores, cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos, com o objetivo de compará-los entre as comunidades.

Os procedimentos da AC reconstroem representações em duas dimensões principais: a sintática e a semântica. Procedimentos sintáticos se enfocam nos transmissores de sinais e suas inter-relações. A sintaxe descreve os meios de expressão e influência - como algo é dito ou escrito. A frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência. O frequente emprego de uma forma de palavras que não é comum pode identificar um provável autor e determinado vocabulário pode indicar um tipo provável de público (BAUER; GASKELL, 2002, p. 190).

A partir desses princípios, o presente trabalho utilizou, em parte, o método de análise de conteúdo para analisar quatro grandes reportagens premiadas com o Prêmio Vladimir Herzog, na categoria rádio, cada uma de um ano e com temas diferentes, para assim, apresentar abordagens diversificadas. As categorias de análise têm por foco a humanização e o equilíbrio das vozes, tanto entre as fontes orais quanto documentais. Também interessou verificar os recursos sonoros e os seus efeitos no processo da contextualização temática. Além de entender a construção e o aprofundamento das grandes reportagens em rádio e a importância desse modo de produção jornalístico.

A primeira grande reportagem selecionada tem por título “Mulheres no Cárcere”, veiculada em 26 de maio de 2018, por meio da Radioagência Nacional – EBC de Brasília – Distrito Federal⁶, e recebeu menção honrosa em 11 de outubro de 2018, do 40º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Está dividida em três capítulos e tem locução de Danyele Soares, produção de Joana Lima e sonoplastia de Messias Melo. O tema do primeiro episódio é “Encarceramento de mulheres no Brasil cresceu 450% em 16 anos”. O programa trata da superlotação nas penitenciárias brasileiras e da falta de leis que atuem na redução da população carcerária nas prisões femininas. A reportagem tem duração de 5min8s.

Já o segundo episódio da série aborda a falta de assistência para mães que estão dentro dos presídios e para as crianças que precisam ficar na prisão até os seis meses de vida. A reportagem relata problemas como a falta de locais apropriados para gestantes, lactantes e mães com filhos pequenos. Com duração de 4min16s, tem como tema: “Apenas 16% dos presídios têm celas para gestantes e somente 14% têm berçário”. O foco é revelar a realidade dos recém-nascidos, que precisam ficar nos

⁶ Pode ser acessada em: <https://premiolvladimirherzog.org/premio/uploads/mulheres-no-carcere.mp3>

presídios por um tempo, e das mulheres que foram presas neste período da maternidade.

A terceira reportagem da série apresenta duração de 4min48s e tem como temática: “Incerteza e falta de perspectiva marcam a vida de mulheres que saem da prisão”. O objetivo é demonstrar e relatar por meio de entrevistas e dados, as dificuldades que as mulheres passam após sair das penitenciárias. A matéria denuncia os preconceitos que ex-detentas enfrentam no processo de ressocialização, como conseguir emprego, dificuldades nas relações com familiares e amigos. Aponta, ainda, as falhas das redes de proteção após o aprisionamento.

“LGBTfobia medo de quê?”, é a segunda grande reportagem selecionada para este processo de análise. A matéria faz parte da terceira temporada do *podcast* “Vozes: Histórias e Reflexões”⁷ da Rádio CBN de São Paulo e foi veiculada em 4 de junho de 2019. A radioreportagem recebeu o prêmio do 41º Vladimir Herzog, em 11 de outubro de 2019, ela não é dividida em capítulos, tem duração de 1h11s, com locução, produção e roteiro de Gabriela Viana, produção e roteiro de Bianca Kirklewski Herculano Baptista e Bianca Vendramini Santolin, edição de Caroline Tamassia, Lucas Soares e Luiz Nascimento e sonoplastia de Cláudio Antônio. Trata do processo de criminalização da LGBTfobia no Brasil, aprovado pelo Supremo Tribunal Federal em 23 de maio de 2019 e, a partir deste objetivo central, traz relatos de pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ e de familiares que já presenciaram preconceitos sofridos, ou que perderam membros da família, por conta da discriminação. São apresentadas falas de representatividades de pessoas que lutam pelo direito da liberdade de gênero no Brasil e indicados dados sobre homicídios e suicídios de LGBTs no país.

A terceira radioreportagem tem como tema “Confinamento: 3 meses depois”, faz parte do *podcast* “Finitude”⁸ da Rádio Guarda-Chuva, associado a rede B9 Company, foi veiculada em 30 de junho de 2020, e em 17 de outubro de 2020, recebeu menção honrosa do 42º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog. Com duração de 1h13min54s, é apresentada por Juliana Dantas e foi criada por Renan Sukevicius. O episódio 19 do *podcast* Finitude teve acesso exclusivo ao Hospital Premier, uma instituição de saúde que cuida de pessoas com câncer, em São Paulo. A equipe

⁷ Pode ser acessada em: <https://audioglobo.globo.com/cbn/podcast/feed/580/vozes-historias-e-reflexoes>

⁸ Pode ser acessado em: <https://www.b9.com.br/shows/finitude/>

médica decidiu manter um regime de isolamento total por 100 dias, no ano de 2020, por conta do avanço da pandemia da Covid-19. A reportagem foi dividida em dois episódios.

O primeiro é o episódio 6⁹ e fez a apresentação inicial da situação do hospital assim que funcionários, acompanhantes e pacientes decidiram se isolar por completo. Apresenta a apreensão das pessoas envolvidas em ficar longe da família e amigos para se dedicar totalmente ao trabalho e aos pacientes do hospital. A decisão difícil da direção buscou evitar que as contaminações e mortes pela Covid-19, que na época estava começando a se expandir no país, avançassem na instituição.

Esse episódio do Finitude não entrou na premiação de Vladimir Herzog 2020. Já o premiado, que é o 19, mostra os reflexos desse confinamento na vida de cada uma das pessoas que decidiu se isolar no hospital. Além dos já conhecidos da primeira reportagem, o Finitude também trouxe, no episódio em questão, novas vozes de funcionários e pacientes envolvidos no processo. As fontes entrevistadas ressaltam suas experiências pessoais ao longo dos meses de confinamento preventivo.

“Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”, é a quarta reportagem desta análise, também recebeu menção honrosa, mas no 43º Prêmio Vladimir Herzog, em 16 de outubro de 2021. A matéria foi veiculada em 23 de junho de 2021, por meio Rádio Brasil de Fato¹⁰. A duração é de 28min26s, com locução e produção de Camila Salmazio, produção de Sarah Fernandes, edição de Lua Gatinoni, tradução de Michele de Melo e direção de Lúcio Centeno e Nina Fidélis. A matéria fala sobre as mudanças que as crianças que saem de outros países, por questões econômicas ou políticas, passam ao chegar no Brasil. Também aborda os direitos que esses meninos e meninas possuem ao entrar no país, os mesmos de crianças brasileiras. As próprias crianças são convidadas a falar a respeito da trajetória vivenciada por elas até a imigração. E também explicam como enfrentaram o processo de adaptação e de aprendizagem da língua portuguesa.

Cabe, a partir de agora, esmiuçar as abordagens de cada matéria selecionada. A base são os critérios de qualidade jornalística apontados pelos autores na análise teórica, que podem ou não ser percebidos nas radorreportagens premiadas. Os materiais apresentam, em comum, problemáticas sociais e de interesse coletivo. Cabe a esta monografia analisar de que maneira essas temáticas contribuem para o

⁹ Pode ser acessada em: <https://www.b9.com.br/shows/finitude/finitude-confinamento/>

¹⁰ Pode ser acessada em: <https://www.brasildefato.com.br/>

processo de noticiabilidade e como a construção, montagem, seleção, aprofundamento e narração podem influenciar, explicar, informar e trazer emoção para determinado assunto jornalístico quando se trata de uma reportagem de fôlego. Em uma primeira etapa, a seguir, os focos de análise serão os princípios de equilíbrio, humanização e importância das vozes na composição das radorreportagens premiadas.

2.1 Discutindo a digitalização das radorreportagens

Mesmo não sendo um meio de informação e produção presente de forma massiva nas redações jornalísticas tradicionais, a reportagem em profundidade, especial ou de fôlego radiofônico apresenta uma série de vantagens e enriquecimento ao material desenvolvido. Como já mencionado por Ferraz (2016), a reportagem é o ponto máximo da produção jornalística, pois há a chance de ir ao encontro da grande história humana, um dos principais focos do jornalismo. A radorreportagem tem em sua essência o aprofundamento do tema explorado. Exige da equipe uma busca detalhada por mais informações, que sejam capazes de superar as visões superficiais dos fatos ou problemáticas.

Mas, isso não quer dizer que determinado assunto veiculado de maneira ampla nos meios de comunicação tradicionais esteja proibido de ser abordado dentro da produção radiofônica em profundidade. Na verdade, este trabalho se interessa por fatores do cotidiano que comoveram e provocaram impacto social, buscando explorar outros ângulos neste tipo de conteúdo. E, claro, outros assuntos que provavelmente não teriam espaço dentro dos meios tradicionais, por causa da pressa em fechar o jornal e devido à amplitude e pluralidade de fontes necessárias para produzir e editar um material de fôlego.

Além disso, a radorreportagem apresenta mais esclarecimento ao fato narrado e permite ao ouvinte maior compreensão, amplitude, contextualização e interatividade com a história contada. O rádio, em sua essência, busca estabelecer uma certa aproximação com o ouvinte, por meio do áudio, o que permite criar um diálogo com o interlocutor. Se instigado de forma correta pelos recursos oferecidos, principalmente na radorreportagem, o ouvinte pode mergulhar no universo dos personagens por meio da linguagem radiofônica. Não apenas de forma rápida e cotidiana, mas diante de uma elaboração detalhada, que contém falas, frases, posicionamentos, pensamentos e expressões com o poder de conectá-lo com as reportagens especiais.

Essas características estão presentes nas radorreportagens analisadas. Uma das principais qualidades que as assemelha é o tempo, tanto de produção quanto de apresentação, que proporciona maior espaço para interligar os assuntos explorados. Em “Mulheres no Cárcere”, houve uma divisão em capítulos, o primeiro com 5min8s, o segundo com 4min16s e o terceiro com 4min48s. Porém, todos foram veiculados no mesmo dia no site da emissora, totalizando uma narração de 14min18s. Já as radorreportagens “LGBTfobia medo de quê?”, com 1h11s, “Confinamento: 3 meses depois”, com 1h13min54s, e “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”, com 28min26s, não foram divididas por capítulos e apresentam uma narração direta e mais alongada.

Esse tempo usado para expor os temas abordados nas matérias, não teria, em tese, probabilidade de ser encaixado na programação cotidiana, com exceção da série de radorreportagens “Mulheres no Cárcere”. Os programas de rádio mais tradicionais, ainda veiculados em AM e FM, estão condicionados a serem apresentados dentro de poucas horas ou mesmo minutos. E seu foco principal costumam ser as *hard news* (notícias quentes), como casos policiais, política, denúncias de ouvintes, esportes. Bem como outras pautas, como matérias pagas, entrevistas com personalidades importantes, fontes oficiais, especialistas, do meio político, assuntos que exigem menos tempo de aprofundamento.

Dessa maneira, os meios de comunicação, até mesmo os tradicionais, encontram a possibilidade de expandir seu modo de produção por meio da *internet*. No meio digital há mais espaço para fontes diversas, favorecendo a pluralidade de vozes. Viana e Lopez (2015) deixam claro que essa vertente oferece ao ouvinte-internauta o poder de fazer suas próprias escolhas a respeito da informação que quer ter. Diferente das programações tradicionais, em que é necessário ouvir as manchetes e esperar o tempo de apresentação do que foi anunciado no começo do programa.

Todas as quatro radorreportagens aqui apresentadas estão presentes no ambiente digital. Apesar de terem sido produzidas nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021, são encontradas facilmente nos sites de cada uma das emissoras nas quais foram veiculadas. “Mulheres no Cárcere”, está no site da Radioagência Nacional, disponível para *download* ou para acesso *on-line*. Aqui serão inseridas as figuras que mostram com mais detalhes, de que maneira essas grandes reportagens estão disponíveis ao internauta-ouvinte. A Figura 1 ilustra a série de reportagens produzidas em 2018.

Figura 1 - Radiorreportagem Mulheres no Cárcere



Fonte: Site da Radioagência Nacional (2018).

Já as Figuras 2, 3 e 4 mostram a radiorreportagem “LGBTfobia medo de quê?” que está disponível no site da Rádio CBN e nas plataformas de *streaming*, *SoundCloud*¹¹ e *Spotify*¹² para *download* e acesso *on-line*.

Figura 2 - Radiorreportagem LGBTfobia medo de quê?

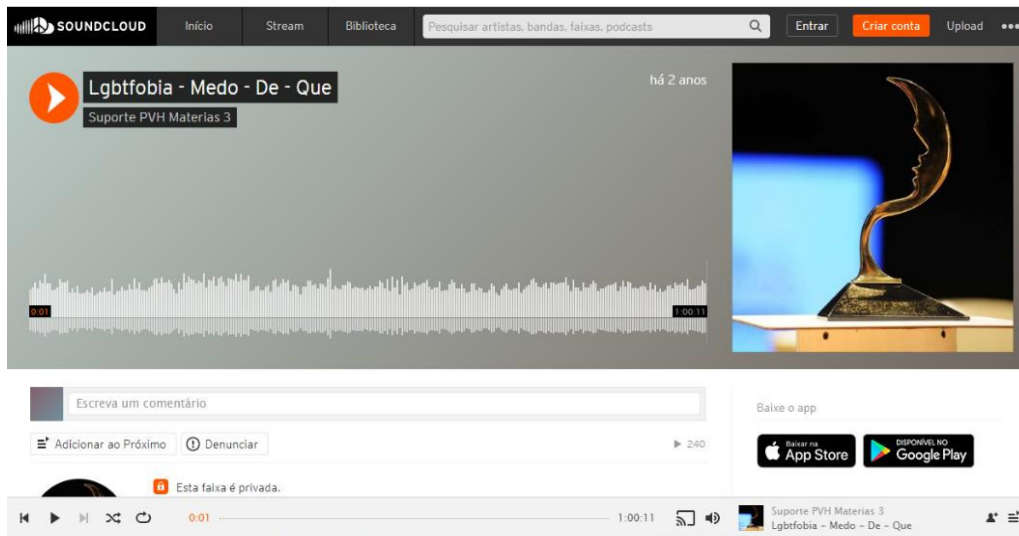


Fonte: Site da rádio CBN (2019).

¹¹ Pode ser acessada em: <https://soundcloud.com/user-267892453/lgbtfobia-medo-de-que/s-sO2t7>

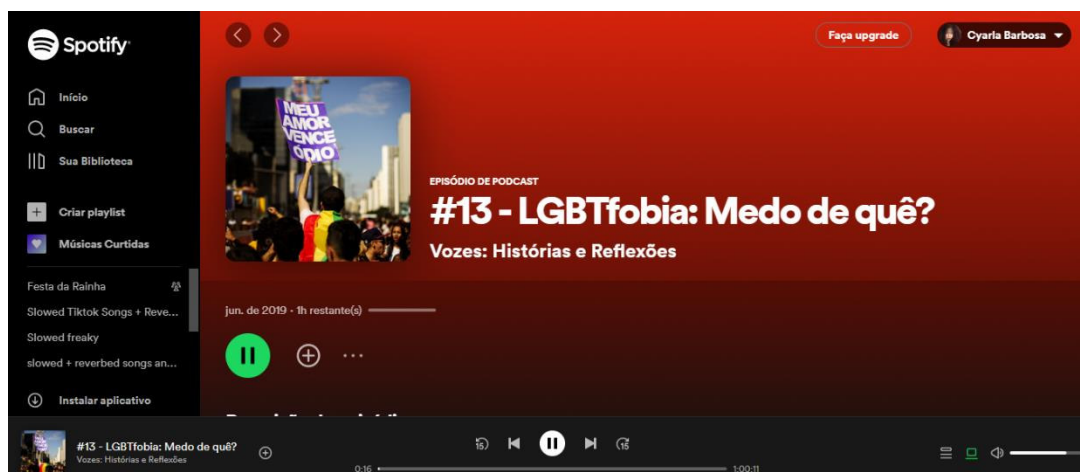
¹² Pode ser acessada em: <https://open.spotify.com/episode/1KKXQc5LfDQj5yZKne4Vpg>

Figura 3 - Radiorreportagem LGBTfobia medo de quê?



Fonte: Site da plataforma de *streaming* SoundCloud (2019).

Figura 4 - Radiorreportagem LGBTfobia medo de quê?



Fonte: Site da plataforma de *streaming* Spotify (2019).

Seguindo esta mesma lógica, as Figuras 5 e 6 apresentam a radiorreportagem “Confinamento: 3 meses depois”, do *podcast* “Finitude”, que está disponível no site da rede B9 Company e da plataforma de *streaming* Spotify¹³.

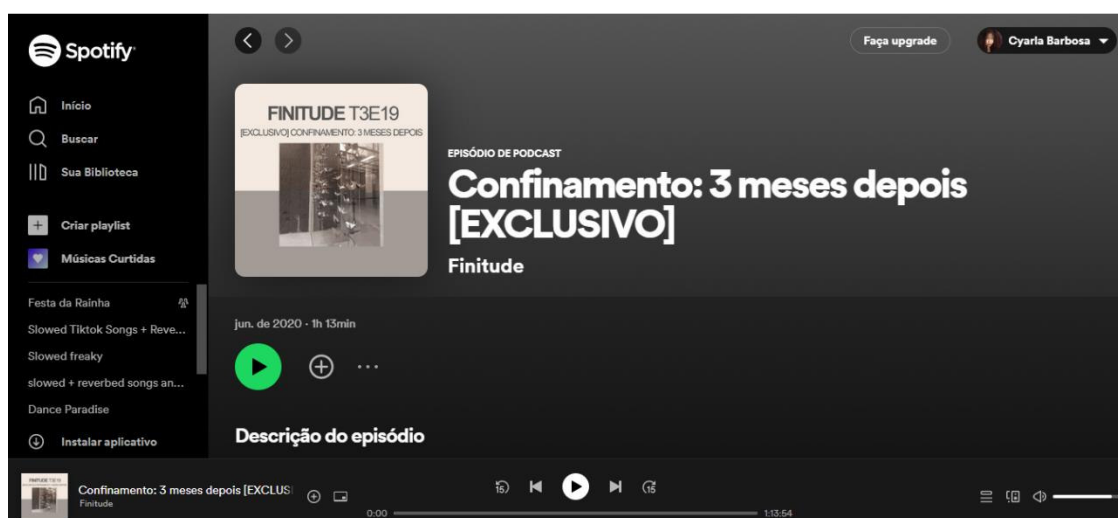
¹³ Pode ser acessada em: <https://open.spotify.com/episode/5FfwoljleMacRnHfmgElxo>

Figura 5 - Radiorreportagem Confinamento: 3 meses depois



Fonte: Site da rede B9 Company (2020).

Figura 6 - Radiorreportagem Confinamento: 3 meses depois



Fonte: Site da plataforma de *streaming* Spotify (2020).

As Figuras 7 e 8 apresentam a reportagem especial “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”, que se encontra no site da Rádio Brasil de Fato e na plataforma de *streaming* Spotify.¹⁴

¹⁴ Pode ser acessada em: <https://open.spotify.com/episode/7wu9BeiKAkyIsWaxgXFumW>

Figura 7 - Radiorreportagem Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar



Fonte: Site da Rádio Brasil de Fato (2021).

Figura 8 - Radiorreportagem Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar



Fonte: Site da plataforma de *streaming* Spotify (2021).

Com isso, é possível afirmar as vantagens da multiplicidade ofertada pelas plataformas digitais. Nelas, o ouvinte tem acesso ao mesmo conteúdo, mas em locais diferentes. Além disso, essa amplitude põe em evidência a “portabilidade da informação” e a utilização de forma detalhada dos meios e recursos. Eles podem ser sonoros, narrativos e didáticos, com o intuito de melhor informar, contextualizar, emocionar e humanizar a narrativa para o ouvinte.

2.2 Das vozes à humanização

O ponto de partida e de chegada do rádio é a voz humana, já que, por meio dela, boa parte da narração radiofônica é construída. Diferente da televisão, o rádio estimula uma linguagem imaginativa. O receptor precisa se conter nos detalhes da informação, para compreender melhor o que é noticiado. As quatro radiorreportagens analisadas apresentam características deste recurso, já que nelas o relato das vozes é o centro da comunicação.

Nada mais justo do que evidenciar o ser humano e dar espaço para que ele possa expor suas ideias, experiências e opiniões. Uma abertura para que elas e eles falem de assuntos já vivenciados, geralmente problemáticas que possam atingir mais pessoas. Mas, por que situações complexas pedem mais espaço para as vozes diferenciadas nas reportagens de fôlego? Acontecimentos como esses precisam do maior número possível de informações provenientes de fontes plurais para que sejam bem noticiados ao público, uma das metas principais.

Desta maneira, a radiorreportagem “Mulheres no Cárcere” da Radioagência Nacional, traz na sua construção uma diversidade de vozes em cada um dos três capítulos. Para esta matéria foram convocadas duas fontes representativas da sociedade, duas especialistas, duas oficiais e quatro documentais, o que evidencia uma busca de equilíbrio de opiniões de várias vertentes.

Percebe-se que a série busca vozes que ilustram de maneira assertiva as questões sociais nas quais estão envolvidas as mulheres dos cárceres brasileiros, em uma busca da humanização. No início do capítulo um, por exemplo, que trata do aumento do encarceramento no Brasil, há um diálogo de uma ex-detenta, identificada como Camila (nome fictício), com a jornalista Danyele Soares.

Camila: Teve uma cela que eu peguei, que eu cheguei a 35 presas dentro. Depois de um mês que eu mudei de cela, eu fiquei em uma cela que tinha 35, tudo provisória.

Danyele Soares: E essa cela de 35 cabiam quantas?

Camila: Umas 24, porque tinham 12 camas, então cada cama poderia dormir duas.

A jovem foi presa por tráfico, ao tentar entrar no presídio masculino, com drogas para o marido. Ao expor esse diálogo no começo da reportagem, o ouvinte já tem uma noção das discussões que serão apresentadas. O relato de Camila ajuda a comprovar os dados que são apresentados por meio do Levantamento Nacional de Informações

Penitenciárias (Infopen) do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), de 2016. Assim, estabelece um casamento entre o objetivo da pauta, que é evidenciar e expor as falhas no sistema, as leis carcerárias e o tratamento das detentas no país.

Além disso, a fala da pesquisadora do Programa Justiça Sem Muros do Instituto Terra Trabalho e Cidadania, Maria Clara D'Ávila, em 2min45s a 3min17s, traz um discurso crítico de como as leis e o sistema de encarceramento não funcionam no processo de ressocialização e de julgamento das detentas. Depois disto, em 3min47s a 4min22s surge a entrevista da coordenadora de Promoção da Cidadania do Ministério da Justiça, Mara Fregapani Barreto. Ela fala sobre as dificuldades de acompanhar o crescimento de mulheres nas penitenciárias brasileiras e destaca as características do Indulto de Dia das Mães, assinado pelo então presidente, Michel Temer. Estabelece, assim, uma ligação contextual com a fonte documental citada.

Neste momento, é possível recordar Ijuim (2017), que expõe três características que desumanizam o fazer jornalístico. Quando o jornalista passa a olhar os fatos sociais como “coisas”, o que caricaturiza o ser humano. Quando ignora a complexidade do fenômeno, passando a observar a pauta de maneira superficial, focando apenas na ocorrência em si. E, por fim, quando não reconhece o Outro, utilizando discursos que favorecem a exclusão daqueles que são colocados do “outro lado da linha”.

Pode-se confirmar, a partir do olhar sugerido por Ijuim, que o primeiro capítulo da série da radorreportagem combate os discursos que desumanizam o fazer jornalístico. Conseguem abrir espaço, vez e voz, aos defensores dos direitos de mulheres presidiárias. Além disso, a fala das próprias ex-detentas, que em muitos momentos são vistas como “inimigas”, ou um “perigo” para a sociedade, também são explicitadas, o que indicia o foco central da reportagem no ser humano.

Partindo desse pressuposto, o segundo capítulo da série fala sobre a falta de assistência a gestantes e detentas com filhos pequenos que estão nas prisões, mais uma abertura à humanização jornalística. Logo de início, a matéria traz o relato da empregada doméstica e ex-detenta, Gleice, que foi provisoriamente presa por tráfico, quando o filho dela tinha apenas quatro meses. De 51s a 1min23s, a moça descreve como era o local em que as crianças e mães ficavam, estimulando a imaginação do ouvinte.

Em seguida, é exposta a fala da diretora da Associação de Familiares dos Internos e Internas do Sistema Prisional do Distrito Federal e em torno, Darlana Godoi,

que apresenta questionamento sobre a medida de manter as crianças dentro do presídio com a mãe. A fala de Darlana evidencia uma realidade que é pouco vista, ou pensada, pela sociedade: o futuro dessas crianças e os preconceitos sofridos por essas mulheres.

Darlana Godoi: Quando essa criança inteirar 18 anos e for presa, vai poder descontar esses dois anos que ela ficou presa com a mãe? E ela pega uma pena de seis anos, cumpre só quatro, né? Porque já ficou presa quando era bebê. Enquanto os altos tribunais, cada vez mais, apontam para essa questão do desencarceramento, especialmente das mulheres, você vê nas primeiras instâncias um recrudescimento deste sistema.

Darlana faz parte do quadro de fontes oficiais, que geralmente são procuradas para trazer firmeza e concisão à pauta. Mas, além deste quesito, a diretora oferece um questionamento sensível e necessário diante de uma problemática ignorada. O discurso de Darlana confirma fontes documentais citadas, como o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), de 2016. O documento destaca que apenas 16% dos estabelecimentos têm celas para gestantes e somente 14% tem berçário.

A matéria traz, ainda, os dados do Habeas Corpus Coletivo, aprovado pelo Supremo Tribunal Federal (STF). A medida substitui a prisão preventiva para domiciliar para presas que sejam gestantes ou mães de crianças de até 12 anos ou de pessoas com deficiência. Para complementar este dado, também são apresentados os relatos e resultados das pesquisas da professora da Universidade Mackenzie, que estuda presídios femininos, Bruna Angotti, em 3min29s a 3min56s. Na construção narrativa estabelecida pela equipe de reportagem, vozes humanas demonstram a realidade de forma mais humanizada do que a expressa de maneira objetiva pelos números. Portanto, o episódio cumpre com o dever de reconhecer o Outro, de não ignorar a complexidade do fato e nem “coisificar” o tema central da notícia.

Nesta mesma ótica, a terceira reportagem da série retrata as incertezas e falta de perspectivas que marcam a vida das mulheres que saem da prisão. A fala das duas ex-detentas que foram entrevistadas estão presentes na narração, diferente das outras duas. Seguindo um modelo de produção e edição da radioreportagem, o capítulo começa com o relato de Gleice.

Gleice: Dos erros, a gente sempre tira uma coisa boa e eu tirei. Hoje, talvez, se eu não tivesse passado por tudo o que eu passei, eu acho que eu não seria a mulher forte que sou hoje. Eu não teria tanto aquele pulso firme, ou talvez se eu não tivesse passado pelo sofrimento que eu passei, hoje eu poderia estar envolvida com a criminalidade. Tenho um filho de 14 anos, ele me visitou, ele tinha quatro anos na época, e perguntava, “*mamãe, porque a senhora tá aqui?*”. Hoje ele sabe que eu já fui presa.

Outro relato é de Camila (nome fictício), que expõe os preconceitos e a falta de apoio que sofreu ao sair da prisão. A manicure e ex-detenta afirma que foi preciso buscar outras alternativas para garantir renda. Nesta fala da mulher, há um diálogo com a jornalista Danyele Soares.

Camila: Quando eu saí, eu nem saía de casa por causa da vergonha de ter sido presa. Então, algumas das pessoas que me conheciam, me julgaram muito. É tanto, que muitos pararam de falar comigo e o que ficou mais foi família, mais próximo.

Danyele Soares: E você conseguiu trabalhar depois que você saiu?

Camila: “Fichado”, a gente não consegue. Eu trabalho para mim mesma, trabalho com unha, cabelo.

No final, a matéria traz mais uma fala de Camila, na qual ela afirma que nunca mais quer voltar para a prisão: “Para mim é um absurdo o ser humano, a realidade, do ser humano chegar a ser um lixo, a pior experiência do mundo”. Assim, a matéria cumpriu com o objetivo de demonstrar o real sentimento daquela situação vivenciada, por meio do espaço que foi concedido a uma das fontes representativas da sociedade. Espaço este que provavelmente não seria aberto dentro dos meios de comunicação tradicionais, e que poderia gerar estranheza ao entrevistado. Esta e as outras vozes presentes, demonstram como o jornalista pode fugir das três situações apontadas por Ijuim, que desumanizam a produção jornalística.

Seguindo esta mesma lógica, a grande reportagem em rádio “LGBTfobia: Medo de quê?”, buscou expor por meio das vozes, as dificuldades e os preconceitos vivenciadas por pessoas desta comunidade. O foco foi debater o processo de criminalização da LGBTfobia no Brasil, aprovado pelo Supremo Tribunal Federal (STF), em 23 de maio de 2019. Diferente da reportagem “Mulheres no Cárcere”, esta tem uma apresentação direta, sem capítulos. Foram usadas oito fontes representativas da sociedade, uma especialista, três oficiais e oito documentais, demonstrando um maior peso ao relato das experiências de quem sofre com as situações relatadas.

Logo de início, a grande reportagem traz a reprodução da votação da criminalização da LGBTfobia no Brasil. Surgem as vozes da ministra Rosa Weber e do ministro Luiz Fux, em trecho apresentado em 2min29s a 3min3s. Em seguida, a reportagem traz o relato do professor de História e presidente da União Nacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Andrei Lemos, que esteve na votação do Supremo Tribunal Federal (STF), em entrevista feita via telefone.

Andrei fala em 3min28s a 8min40s. Em seguida, a radioreportagem apresenta a entrevista com Cássia, mãe de três filhos e integrante do Grupo Mães pela Diversidade. Dois dos três filhos de Cássia, são LGBTs: “Tudo é culpa da mãe. É sempre culpa de alguém como se isso não fosse uma coisa natural [...]. Nunca quis que meus filhos fossem diferentes do que são”, conta a mãe para a repórter Gabriela Viana.

O depoimento de Cássia, mãe de dois filhos LGBTs, se articula com a entrevista de Angélica, mãe do adolescente Alexandre Ivo, que foi morto aos 14 anos, em junho de 2010, em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, por defender amigos LGBTs. Cássia relata como o crime ocorreu em 49min10s a 52min21s. Angélica soube do caso ao ver a notícia sobre a morte do filho, em uma banca de jornal.

Angélica: É muito difícil você descrever esse sentimento, é só dor, muita dor [...]. Eles dizem que a gente quer privilégios, que tipo de privilégio? Quem escolhe ser xingado, sofrer todos os tipos de violência, quem escolhe ser excluído, quem escolhe sofrer tudo isso? A nossa vida tem um valor muito grande e ninguém tem o direito de tirar a vida de ninguém.

Outra mãe entrevistada é Elaine. Mãe de Mirela, 9 anos na época, uma criança transsexual, que nasceu menino, mas não se identifica com o gênero, a mãe também é integrante do Grupo Mães pela Diversidade. Elaine conta a respeito dos primeiros momentos em que Mirela começou a dar sinais de que não se identificava com o gênero. E relata sobre seu processo pessoal de aceitação da filha: “Eu não queria enxergar, por preconceito mesmo, e por medo da violência. Até que chegou um ponto que eu precisava aceitar”. A mãe comenta que, em dado momento, se prontificou a comprar roupas de menina para a criança.

Elaine: Aí, eu falei, olha realmente eu não vou poder mudar seu corpo, isso realmente não vai ser possível fazer, mas o que eu posso fazer é deixar você se vestir e ser uma menina. Você vai ficar feliz se você puder usar roupa de menina? Ela falou “aí, eu vou, é o que eu mais

quero". Daí eu falei, então tá, na segunda vamos na loja e você vai comprar roupa de menina [...]. E aí, ali naquela segunda-feira eu vi nascer outra pessoa.

Mirela também ganha espaço neste ambiente em 32min21s a 32min48s. A própria criança relata os preconceitos que sofreu na escola e os primeiros momentos em que ela usava as roupas da mãe. Depois, Mirela explica a escolha de seu nome. "Antes do nome Mirela, eu tinha escolhido Magali, mas aí as pessoas começaram a falar que não combinava comigo". Após esse processo, a mãe comenta sobre as dificuldades em se utilizar o nome social e o banheiro feminino no ambiente escolar.

Diante da apresentação dessas entrevistas, cabe aqui mencionar o que Abreu (2019), Ijuim e Sardinha (2009) mencionam: a importância e a sensibilidade do jornalista em conseguir se aproximar, humanizar, e expor o assunto ao público-ouvinte. Cada uma com suas especificidades, a apresentação das fontes cumpre com as determinações do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Segundo o texto, é dever do jornalista defender as diferenças e combater a perseguição das minorias. Mesmo quando as personagens são mães que falam por seus filhos, a radorreportagem expõe as posições de forma detalhada e emocional, do sentimento de pesar e medo, aos de alegria e aceitação. Outra personagem que se abre sobre a orientação sexual é Jéssica. Sua fala é marcada por um processo difícil, que envolve os relacionamentos, sexualidade e religião.

Jéssica: É muito paradoxal, se não fosse a religião eu teria me suicidado. Só que se não fosse a religião, eu também não teria tido problema. Então, ela foi meu veneno e meu antídoto. De repente, eu entendi que amava uma mulher, então era uma pecadora, então eu não tinha mais vontade de viver, eu achava que Deus não me amava, eu achava que eu era uma vergonha [...]. Hoje, eu falo, eu estava vivendo o inferno, não precisava morrer para ir pro inferno. Quer dizer, eu não vivi, a partir dali eu sobrevivi, porque eu calei o que mais tinha de bonito em mim. O amor é lindo, aí você cala isso, isso não faz bem.

O relato de Jéssica, na forma como foi encaixado na narrativa, combate as três características apontadas por Ijuim (2017), que desumanizam o fazer jornalístico. Assim como as outras falas de pessoas comuns, a de Jéssica representa a personagem como um ser humano importante. Não ignora a complexidade do fenômeno, mas o expõe. E não deixa de reconhecer os problemas e as necessidades do outro. Assim, os depoimentos das fontes, articulados na narração, não estimulam a exclusão social e nem põe a comunidade LGBTQIA+, do outro lado da linha.

A radiorreportagem “Confinamento: 3 meses depois”, também não é dividida em capítulos e apresenta narração direta. Foi elaborada com as histórias de sete fontes representativas da sociedade, duas oficiais, três especializadas e uma documental. A primeira personagem que traz um traço de sensibilidade diante da realidade proposta pela matéria, é da médica Bárbara Curi. A profissional trata não apenas do trabalho que foi prestado dentro do hospital em confinamento, mas de sua experiência pessoal com os pacientes, funcionários e com a família. Em um ponto da entrevista, Bárbara conta uma vivência marcante que viveu no hospital ao cuidar de uma paciente em estado terminal.

Juliana Dantas: Eu fiquei sabendo também que houve uma paciente que veio aqui e morreu em pouco tempo, e você cuidou dela?

Barbara Curi: Ela veio por um câncer já avançando, uma paciente jovem também, um câncer pulmonar, avançando, já com metástases. E ela veio por vontade própria, ela procurou o hospital e se despediu da família toda antes de vir pra cá [...]. Contou quais as vontades dela de como aquele processo ia acontecer, que ela sabia que iria vir a óbito. E a gente combinou um escalda-pés para ela naquela noite. Eu desci para jantar e fui chamada, porque ela estava com uma intercorrência [...]. Mesmo assim, a gente optou por fazer o escalda-pés. Então eu e a fisioterapeuta a gente ficou lá por, acho que umas duas horas, fazendo. E ao mesmo tempo fui conversando com ela e controlando sintomas [...]. E ela faleceu, desse jeito.

Juliana Dantas: Contigo?

Bárbara Curi: Comigo, com a fisioterapeuta e com o esposo que ficou com a gente o tempo todo. Foi bem marcante, bem intenso, eu diria.

O diálogo de Bárbara com a repórter Juliana Dantas buscou não apenas relatar o processo de confinamento no Hospital Premier, por causa da Covid-19. Foi direto ao ponto da socialização humana, diante de um cenário pandêmico e inesperado. Em toda a conversa, Juliana conduz a entrevista para que a fonte se sinta à vontade e exponha seus sentimentos e aprendizagens diante das experiências. A presença de uma repórter que está ali para dialogar, não para impor perguntas, ou realidades pré-construídas, é uma característica comum das reportagens analisadas.

Essa linguagem traz a percepção sensível do repórter. Desta forma, condiz com o que Ijuim e Sardinha (2009), salientaram a respeito da absorção e compreensão dos fenômenos para poder narrar, pois o profissional é o construtor principal da notícia. Ao se inserir no cenário onde as ações ocorriam em tempo real, Juliana Dantas pôde experimentar a singularidade e a subjetividade da pauta em questão, construção diferente das demais reportagens analisadas até aqui.

Ao abordar o diretor superintendente do hospital, Samir, a repórter mostrou um diálogo não formal, com foco na história de vida do diretor e como ele estava se adaptando ao confinamento no hospital. A entrevista começa em 32min23s. Samir fala sobre a sensação de estar longe da família e do seu aprendizado.

Samir: A pandemia nos proporcionou de nos conhecermos, de aprofundar as relações humanas, e como é interessante [...]. Eu estou dormindo no meu escritório, não é uma suíte, não tem banheiro. Eu divido o banheiro coletivo, com mais de 20 pessoas, aqui em cima, lá embaixo, eu nem sei. E todo dia, então, é um privilégio estar sozinho? Sim, acho que isso é o único fator. É interessante, porque você passa a frequentar o vestiário dos funcionários, aí você vê o tamanho da sua mesquinhez. Porque soluções tão baratas melhorariam a vida das pessoas. Então, eu nunca tinha tomado banho no vestiário dos funcionários e passei a tomar banho todos os dias. Aí, aquele incômodo, não tem uma saboneteira, quanto custa uma saboneteira razoável? E olha que nós somos uma instituição humanística, mas até onde vai nosso humanismo? Tem várias reflexões que me inspiram a aprofundar essa questão e fazer o máximo que a gente puder fazer.

Os trechos da fala de Samir são focados na relação que ele teve como diretor da instituição, e como ele absorveu todo aquele cenário. O diretor faz um relato profundo, sensível e humano da situação enfrentada por ele e os funcionários durante os 100 dias de isolamento total. A simples circunstância da falta de uma saboneteira, fez Samir pensar a respeito dos sentimentos com o conforto do outro, reflexão auxiliada pelo processo da entrevista dialogada. Essa fala de uma das fontes “mais importantes” do hospital, editada na reportagem, toca em outra questão pontuada por Ijuim e Sardinha (2009). Os autores afirmam que o fazer jornalístico busca versões verdadeiras, que compreendam o sujeito e os sentidos da consciência humana.

Na mesma perspectiva de respeito pelo outro, no caso pessoas diferentes convivendo em um mesmo espaço, a reportagem traz o relato do jornalista e locutor, Vinícius. Ele aprendeu com os funcionários do hospital como fazer coisas básicas do dia a dia e a importância das situações comuns.

Vinícius: Foi um período que eu vou ter orgulho a minha vida inteira [...]. O pessoal da cozinha e da limpeza foram as pessoas que mais me impressionaram, a princípio. E foi com quem eu me relacionei mais fácil primeiro. E eles tiveram o carinho de me acolher e ensinar, como lavar a louça, como servir o jantar.

Uma declaração espontânea, mas que propõe ao ouvinte o respeito com o aprendizado da fonte. Os trechos selecionados das entrevistas para compor toda a reportagem mostram outra perspectiva diante de um cenário de sobrevivência humana. Funcionários, pacientes e acompanhantes que decidiram, por conta própria, se isolar para proteger e cuidar uns dos outros, enquanto o mundo enfrentava um contexto caótico. Portanto, a grande reportagem “Confinamento: 3 meses depois”, não objetifica o ser, não ignora a complexidade do fato e não deixa de reconhecer as percepções, necessidades e experiências do outro.

Diferente das demais radorreportagens premiadas, a matéria “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”, possui uma linguagem mais simples e direta. Nela, as vozes são das crianças e pessoas envolvidas no processo de acolhimento de meninos e meninas refugiadas. Foram entrevistadas duas fontes oficiais e sete fontes representativas da sociedade, porém nenhuma fonte especializada ou documental foi citada durante a locução.

Entre as crianças que contaram um pouco de suas histórias ao saírem do seu país de origem, por questões de crises sociais, para vir morar no Brasil, destaca-se o depoimento da angolana Estrela de Dama Mabanza, de 9 anos. A entrevista com a menina foi feita sem tradução, pois ela fala português fluente. De maneira descomplicada, a criança relata um pouco de sua trajetória.

Estrela de Dama Mabanza: Nasci na Angola, na capital de Luanda, e agora estou crescendo aqui no Brasil. A gente veio aqui para nossa vida ficar segura. Eu lembro que lá (na Angola), a rua tinha muita areia e umas casas não tinham água e era para pegar água na vizinha. Na escola, (no Brasil), a gente aprende muito, tem boas condições, e tem muita diversão.

Já o venezuelano Juan Carlo Furtado, de 12 anos, contou sobre o que gosta do Brasil, das diferenças nos países, e de que maneira ele chegou ao país. Para a entrevista foram utilizados trechos originais da fala de Juan e a tradução em voice-over, uma técnica de tradução audiovisual que, ao contrário da dublagem, as vozes são gravadas sobre a faixa original do entrevistado que pode ser ouvida em segundo plano, feita, nesta reportagem, pela jornalista e produtora, Sarah Fernandes.

Juan Carlo Furtado: Eu gosto do Brasil, porque eu quero seguir uma vida nova com minha família, mas também tenho saudades da Venezuela, o idioma é muito diferente [...]. Eu passei de ônibus pelas trochas e dormimos nas ruas, às vezes nos davam comida, às vezes

não. Passei por muitas coisas difíceis na rodoviária, mas seguimos adiante, seguimos em frente.

Outra fonte que relata sua adaptação à nova cultura e da língua portuguesa, é o adolescente Mohammed, de 13 anos. Ele nasceu na Síria, e precisou sair do seu país de origem por causa da guerra.

Mohammed: Então, eu aprendi o básico e outras coisas antes de entrar na escola. Porque a gente morava em um prédio pequeno de quatro, cinco andares, e na nossa frente tinha um parque, meus pais sempre levavam a gente para brincar lá [...]. A gente ia para lá, brincava, conhecia outras pessoas e conhecer essas pessoas ajudou a gente a evoluir muito na língua brasileira.

Todas as entrevistas, com fontes representativas da sociedade, foram feitas com crianças e adolescentes refugiados que hoje moram no Brasil. Elas foram naturalizadas ou acolhidas por programas sociais que desenvolvem trabalhos exclusivos para este público. Por ser um podcast com foco nas crianças no “Rádinho BdF”, a linguagem é simples, direta e sem muita complexidade. Porém, utiliza artifícios que ajudam o ouvinte a compreender melhor outros universos e realidades sociais.

A abertura para a fala desses pequenos mais uma vez está de acordo com a recomendação de Ijuim (2017), da necessidade de o jornalismo reconhecer o outro. O interessante é que, em nenhum momento, o depoimento de pais ou responsáveis aparece para falar por essas crianças, elas falam por si próprias. A reportagem também não ignora a complexidade do fenômeno, e nem caricaturiza o ser humano. Procura, ao contrário, incluir entrevistas com crianças que não se exprimem em português fluente e são recém-chegadas ao Brasil. É o caso de Juan Carlo Furtado: para melhorar a compreensão da entrevista foi feita a tradução com uma voice-over.

A reportagem é atrativa, portanto, a todos os públicos interessados em um conteúdo flexível, direto, aprofundado e humanizado. E expõe a experiência dessas crianças refugiadas, de países e condições diferentes, por meio da visão de cada uma delas, elemento jornalístico importante. Assim, a grande reportagem premiada em rádio deixa entrever a grandiosidade do outro, além do valor dos fatos. Defende os direitos do cidadão, das crianças e das minorias e combate a prática da perseguição ou discriminação por motivos sociais. Entra também em concordância com o Artigo 6º, do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros e da valorização do ser humano, definindo que o jornalismo é uma “atividade de natureza social e finalidade pública”.

2.4 Recursos sonoros: o áudio como imersão nas radiorreportagens

No universo do rádio, o som é uma das peças fundamentais da obra radiofônica. Aquilo que ouvimos ressoa de forma interna em nós, desta maneira, o áudio se apresenta como um elemento crucial na composição da informação. Ele envolve não só a apresentação das vozes, como a das fontes, que aqui já foram mencionadas. Mas, também a música, locução, o silêncio, os *BGS* (*backgrounds ou trilhas*), o som ambiente, as vinhetas e até os efeitos sonoros.

“Mulheres no Cárcere” apresenta alguns desses recursos citados, que serão analisados no contexto dos três episódios. O uso dos *BGS* se configura como destaque no primeiro capítulo. A matéria troca de trilha cinco vezes: em 23s, em 1min17s, em 3min17s, em 3min47s e em 4min22s, sendo que cada uma correspondia a temas e fontes diferentes. A musicalidade alterna entre tensa, branda e explicativa. Não há vinhetas de abertura nas três radiorreportagens.

De início, a matéria apresenta um efeito sonoro que simboliza a abertura de uma cela, em seguida é incluída a entrevista da ex-detenta, Camila. O efeito sonoro, de imediato, faz ligação com a proposta do tema, que trata do aumento do encarceramento no Brasil em 16 anos. O ouvinte imagina, pelo depoimento de Camila e o efeito sonoro, de que maneira presidiárias sobrevivem dentro das penitenciárias. Esta característica demonstra aquilo que Ferraretto (2014) explicou sobre os sons terem o poder de “levar” o ouvinte ao lugar da notícia.

A narração de Danyele Soares é firme e segue um padrão dentro da produção jornalística: apresentar fontes documentais e orais que comprovem, de alguma forma, os dados informados. Em 4min22s, o episódio apresenta um *BG* intenso e a jornalista começa a falar do Indulto de Dia das Mães, assinado pelo então presidente da República, Michel Temer. A narração é seguida de uma pausa em 4min45s, com objetivo de enfatizar uma problemática na decisão e chamar o outro capítulo. Com isso, produz a projeção daquilo que é narrado, conforme Alves e Lopez (2021) já haviam mencionado.

Diferente do primeiro capítulo da série, o segundo troca de *BG* duas vezes, em 9s e em 1min24s. Logo após, uma trilha tensa se mantém até o término da matéria. Nos primeiros segundos, é utilizado o som de choro de bebê, trazendo significado à pauta abordada: a precariedade das celas para gestantes e berçários nos presídios brasileiros. Em seguida, a jornalista Danyele Soares faz um questionamento sobre a

situação dos bebês que ficam com as mães no presídio, sem fundo musical, e ao continuar a narração, este surge de repente.

Logo depois, a ex-detenta Gleice descreve como é um dos espaços em que mães e crianças precisam ficar nas prisões. Com esta apresentação, o ouvinte pode imaginar como seria o local descrito e, além disso, se sensibilizar diante da informação que é mencionada. O questionamento feito por Danyele colabora com a construção da narrativa. Transmite ao ouvinte a necessidade de se discutir questões como as falhas dos presídios femininos e reflete sobre as dificuldades enfrentadas por mães que são detentas. Criam-se, assim, vínculos com o ouvinte, como apontado por Ramos (2020), já que o tom de voz da jornalista narradora é sério, aliado à trilha sonora tensa, o que simboliza a dureza dessa realidade social.

O terceiro e último episódio da série de radioreportagens começa com um *BG* que remete ao cenário de superação. Aos 4s entra a sonora de Gleice, uma das ex-detentas entrevistadas, relatando sobre a importância de aprender com os erros. Ao lançar mão deste recurso, a reportagem especial abre a exposição da temática principal: as incertezas e falta de perspectivas na vida de mulheres que saem dos presídios. Essa estratégia narrativa põe em evidência aquilo que Viana (2018), Alves e Lopez (2021) evidenciaram: a necessidade de proporcionar ao ouvinte uma noção mais aprofundada do fato narrado, por meio de histórias de interesse humano e de “captar a vida como ela é”.

Em toda a reportagem houve troca de trilha cinco vezes, começando nos primeiros segundos, depois em 35s, em 1min30s, em 3min57s e em 4min36s. As músicas remetem a um contexto de drama, rejeição e superação, com o objetivo de enfatizar os preconceitos vivenciados por essas mulheres durante a ressocialização. Outro ponto interessante ocorre em 4min21s, quando Danyele menciona que mesmo com as dificuldades e o medo, uma das detentas tem a certeza de que não quer mais voltar ao presídio. Depois, entra uma sonora de Camila detalhando o tratamento na prisão. Apresenta-se, desta forma, o contexto de imersão no sentimento das personagens.

“LGBTfobia: Medo de quê?” também articula um quantitativo expressivo de recursos sonoros-narrativos. Em toda a matéria, os *BGS* mudaram 57 vezes a cada tema, entrevista, explicação de assunto, locução ou apresentação de dados. A reportagem diversifica a trilha, o que enriquece o discurso e confere mais densidade, imersão e contextualização ao assunto abordado. Diferente da série especial

“Mulheres no Cárcere”, esta possui vinheta, a identidade central do programa, que aparece em 1min35s.

Logo no início, a narradora sugere ao ouvinte que utilize fones de ouvido, com o objetivo de mergulhar nas histórias. Esse convite lembra o que foi sugerido por Longhi (2002), a respeito da imersão nas experiências enunciadas, uma rendição e concentração total dos sentidos do ouvinte, diante da narrativa. No decorrer da matéria percebe-se a presença de muitos recursos sonoros, como trechos de música, efeitos, pausas e trilhas diferentes.

Um dos primeiros pontos que chamam a atenção é o questionamento feito pela jornalista Gabriela Viana, em 9s, que, de imediato, suscita curiosidade sobre o que será apresentado adiante. Essa narrativa se encaixa naquilo apresentado por Ramos (2020), sobre criar vínculo com o ouvinte. Ao ser questionado, mesmo que no inconsciente, o espectador do outro lado acaba respondendo. Dessa maneira se estabelece a ligação entre os meios, uma autopercepção. A maioria dos *BGS* apresentados transmite ao ouvinte a sensação do drama e dos sentimentos vivenciados pela comunidade LGBTQIA+ no país, por causa do preconceito e da discriminação.

As trilhas foram marcantes para definir o tema discutido em alguns momentos, seja durante a veiculação das vozes dos entrevistados, ou no decorrer da locução. Esta característica pôde ser notada dez vezes durante a análise do recurso, a maioria ao explicar a história das fontes. Nos seguintes trechos é possível notar a intensidade do assunto junto aos *BGS*. Começando em 21min40s, conta-se a história amorosa de Jéssica. Em 24min44s, ela cita um depoimento que recebeu por meio de um canal que criou na *internet* para orientar pessoas da comunidade LGBTQIA+. Em 25min47s a 26min34s, a homossexualidade é contextualizada em termos históricos. Em 27min31s, aborda-se o medo que os homofóbicos sentem ao verem pessoas da comunidade tentando viver com liberdade. Em 36min16s, ao tratar do sentimento de pertencimento de Larissa. Em 43min24s, retrata a rejeição por frequentar o local preferido. Em 47min14s a 52min46s, quando é lembrado o caso do adolescente, Alexandre Ivo, seguindo em 53min46s e em 56min37s, ao discutir sobre ouvir o outro lado e a respeito das necessidades de se aceitar o outro como ele é.

Essa habilidade em administrar as trilhas com os assuntos informados confirma as teorias do “projeto acústico” de Alves e Lopez (2021). Para ser completo, ele precisa sustentar três núcleos de composição: “Orquestrador de Emoções”,

“Enunciado Sonoro” e “Transmissão”. Só assim é capaz de despertar a essência da transmissão, a informação acústica e acionar a emoção e o sentimento, por meio dos recursos sonoros. Além das trilhas evidenciadas, a radorreportagem faz uso de trechos musicais, conferindo à matéria um caráter único e colocando em evidência aquilo que Amaral e Júnior (2020) já apresentaram. Os trechos podem ser conferidos em 42min7s, com a música da banda O Terno, Medo do Medo¹⁵. Já em 59min7s, a tradução da canção Imagine, de John Lennon¹⁶ ganha uma nova interpretação a partir das vozes humanas entrevistadas.

As pausas, que também são importantes no contexto da radorreportagem, é outro artifício utilizado para focar em um determinado assunto. Em algumas delas, a jornalista Gabriela Viana também faz perguntas aos ouvintes, evocando assim, uma condição de diálogo, sendo que as trilhas estão presentes. Essa técnica foi utilizada oito vezes ao longo da grande reportagem: em 21min58s, 26min37s, 28min7s, nos trechos de 43min7s a 43min35s, 53min57s e em 56min33s. Trata-se, mais uma vez, de uma tentativa de dialogar e se aproximar do ouvinte. Para finalizar, a radorreportagem traz, ainda, os efeitos sonoros, entre eles, sons que fazem alusão ao envio de mensagens, via redes sociais, tesouras e situações de conflito. E um dos mais notados por esta pesquisadora, em 43min37s, a representação de um jogo em um estádio de futebol, mostrando a sintonia com Ferraretto (2014), quando o autor fala sobre provocar no ouvinte associação ao ambiente representado. Esse recurso foi aplicado 12 vezes ao longo do processo de análise desta reportagem.

O episódio 19 do podcast “Finitude” vem retratar de forma simples e com recursos sonoros originais, do próprio ambiente do hospital, a pandemia da Covid-19. “Confinamento: 3 meses depois”, é muito singular, desde a proposta do seu modo de produção, até a exposição. Na grande reportagem foram usadas seis trilhas e duas vinhetas. Alternam-se tons de calma e plenitude, com fundos musicais que tentam realçar a humanidade diante do contexto de temores e exaustão.

Vivendo dias no Hospital Premier, a jornalista Juliana Dantas capta, de forma privilegiada, os sons, conversas, situações e as rotinas e, disso, constrói trechos para o quebra-cabeças sonoro da matéria. Diferente das outras radorreportagens analisadas, esta faz uso extensivo de sons e conversas captadas ao vivo, sendo que as pausas também são outros recursos muito utilizados neste material. Ao

¹⁵ Pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=2RxU5ryvais>

¹⁶ Pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/watch?v=VOgFZfRVaww>

experienciar o ambiente do hospital em confinamento, junto com os pacientes, acompanhantes e funcionários, Juliana comunica ao ouvinte aquela realidade específica. Com isso, cria a imersão pontuada por Longhi (2002), citada por Viana (2020). Além de levar o ouvinte ao local do acontecimento, conforme Ferraretto (2014), havia evidenciado e, de acordo com Ramos (2020), criar vínculos.

Em toda radorreportagem, os sons ambientes aparecem 16 vezes. Um dos momentos em que esse recurso é notável está nos primeiros 10 segundos da matéria. O barulho é de um chuveiro, no qual um paciente toma banho aos cuidados de uma médica. Depois, de 10min28s, a 11min22s, Bárbara leva a repórter Juliana ao local preferido dela para passar algumas horas sozinha. Esse recurso sonoro passa ao ouvinte a ideia de movimento. É possível imaginar as duas saindo de onde estavam, subindo as escadas e chegando até a sacada. Mais uma vez criam-se os vínculos da imersão, transportando o ouvinte ao lugar do fato.

A jornalista consegue registrar, dentro do hospital, conversas espontâneas, sendo que este recurso ocorre seis vezes. Uma delas pode ser notada entre 24min8s e 24min24s, quando Juliana ganha de presente um pote de brigadeiro de Merilda, uma das funcionárias do hospital, após a entrevista, algo inesperado.

Toda a locução da jornalista é extremamente descritiva, ela se coloca, em vários momentos, como um dos personagens, outro ponto diferente das matérias analisadas. Com essa produção, Juliana consegue se aproximar mais ainda do ouvinte, dando a sensação de que ele está lá, ouvindo aquelas conversas do lado. Esse recurso é específico em seis momentos. Um deles é na “janela dos encontros”, entre 1h2min28s e 1h2min58s. A janela é um longo painel de vidro, por onde familiares e amigos poderiam visualizar e conversar com os confinados no hospital.

As pausas, como parte importante dessa composição, foram usadas 22 vezes, outra característica rara nas demais radorreportagens analisadas. Os silêncios ajudam a orquestrar as emoções, em cumprimento do projeto acústico apresentado por Alves e Lopez (2021). Já no final da radorreportagem, uma surpresa para o ouvinte: as sonoras de Tom Almeida, criador do movimento infinito de discussões sobre o viver e o morrer, que aparece em 1h6min7s. Estabelece-se um diálogo com o ouvinte, por meio da proposta do podcast e do sepultador, filósofo e colunista Fininho, em 1h11min8s, que traz reflexões filosóficas para o “Finitude”.

A radorreportagem “Crianças refugiadas discutem no Radinho BdF o direito de migrar”, apesar de estar disponível para todos os públicos, se apresenta de

maneira específica e de forma educativa, para as crianças. Com um conteúdo diversificado, didático e dinâmico, a radioreportagem tem característica singular, mais simples e direta, porém utiliza vários recursos. Entre eles, as trilhas, que mudam oito vezes ao longo da matéria, além de três vinhetas, sendo uma delas, de passagem (cortina), em 9min4s. A jornalista Camila Salmazio conduz o diálogo com as crianças em forma de conversa, mais uma vez, lembrando o que foi apresentado por Ramos (2020), ao tratar da aproximação com o ouvinte.

De maneira ímpar, toda esta grande reportagem está permeada de recursos musicais e outros sons marcantes, que surgem quatro vezes, com a finalidade de prender a atenção do ouvinte e das crianças. Bem no começo, em 1min8s, os espectadores podem se divertir com a música *A casa é sua*, de Arnaldo Antunes¹⁷. Depois, em 8min9s, é a vez de aparecer um trecho do programa “*Super Panas na Rádio*”¹⁸. Trata-se de uma emissora criada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef)¹⁹, durante a pandemia da Covid-19, para manter o contato com as crianças atendidas por projetos sociais. Em 12min25s é apresentada a história: A menina que abraça o vento: a história de uma refugiada congoleza, da autora Fernanda Paraguassu. A locução fica ao cargo da jornalista Bruna Melauro. Em 23min16s, a radioreportagem destaca uma trilha diferente, com um trecho musical da Orquestra Mundana Refugi²⁰. Por fim, a canção *Amanhã*, de Guilherme Arantes, na interpretação de Caetano Veloso²¹.

O uso dessas músicas e a estratégia da contação de histórias, como ferramenta para aproximar o universo do ouvinte, cumpre com os três elementos do projeto acústico de Alves e Lopez (2021). Além disso, proporciona uma certa imersão retratada por Longhi. A locução da jornalista expressa uma linguagem interpessoal com as crianças, público principal da matéria. O uso de voice-over, por sua vez, evidencia esta relação de proximidade e a busca pela compreensão do outro. Esta ferramenta aparece oito vezes, com o objetivo de traduzir as entrevistas com crianças que não falam o português.

As pausas também estão presentes em nove ocasiões na radioreportagem. Aqui, diferente das outras, as pausas exercem mais a função de um

¹⁷ Pode ser acessado em: https://www.youtube.com/watch?v=_5s8ri2ipgs

¹⁸ Pode ser acessado em: <https://www.unicef.org/brazil/super-panas-na-radio>

¹⁹ Pode ser acessado em: <https://www.unicef.org/brazil/>

²⁰ Pode ser acessada em: <https://www.youtube.com/c/OrquestraMundanaRefugi>

²¹ Pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ro8i9Autyn0>

“descanso/interação”, ou mesmo para mudar de assunto. Todos esses meios e recursos sonoros usados nas produções estão ligados aos mesmos objetivos: cuidado, atenção, prestação de serviço e noticiar de maneira completa e correta para o ouvinte, e assim sugerir acontecimentos parciais do mundo.

Mesmo com a apresentação de todos esses detalhes analisados nas radioreportagens, este trabalho buscou entrevistar as jornalistas responsáveis pelas produções. O objetivo é explicar com mais clareza, por meio das vozes dos responsáveis, como foi todo o processo de apuração, produção, entrevistas e aproximação do ouvinte com os temas destacados. No próximo capítulo, duas, das quatro possíveis fontes, falam a respeito deste processo. As repórteres explicam, em entrevistas qualitativas, de que maneira elas se inseriram no contexto social de todas as matérias especiais, procurando humanizar a pauta abordada.

CAPÍTULO 3 – “EU ME ENVOLVI BASTANTE E TENTEI COLOCAR UM POUCO DESSE SENTIMENTO QUE EU TIVE NA REDAÇÃO DA MATÉRIA”: AS JORNALISTAS FALAM

Até este ponto do trabalho procedemos análises a respeito da humanização, contextualização, uso dos recursos sonoros e aprofundamento para melhor entender as características das radorreportagens e de que maneira elas oferecem mais detalhes aos ouvintes. Cabe agora, a partir do método da entrevista qualitativa conforme Bauer e Gaskell (2002), buscar compreender a forma como as radorreportagens foram elaboradas na prática, em diálogo com as jornalistas responsáveis pela apuração e produção dos materiais. O foco deste último capítulo é relacionar a análise do material produzido com a realidade cotidiana dessas profissionais, vivenciada nas redações jornalísticas.

Segundo Bauer e Gaskell (2002), a entrevista qualitativa ajuda a descobrir outros pontos de vista sobre o conteúdo analisado, além daqueles da pessoa que a realiza. Trata-se de uma descrição mais detalhada de um meio social específico, no caso o de jornalistas que trabalham com rádio, ou a respeito de um determinado assunto, aqui as radorreportagens. Além disso, intuições vindas antes da entrevista qualitativa podem melhorar a interpretação e o delineamento do levantamento, após a realização do processo.

Portanto, para complementar as análises do capítulo anterior, esta pesquisadora entrevistou jornalistas envolvidas em duas das quatro reportagens em estudo. O diálogo se estabeleceu por meio de vídeochamadas, ao vivo, via plataforma virtual *Google Meet* e conversas complementares, pelo aplicativo de mensagens instantâneas, *WhatsApp*.

As jornalistas entrevistadas são Danyele Soares, responsável pela apuração, parte da produção e locução da série “Mulheres no Cárcere”, da Radioagência Nacional. E Juliana Dantas, autora e locutora de “Confinamento, 3 meses depois”, produzida pelo *podcasting* “Finitude” e lançado na rádio Guarda-Chuva, associado à rede *B9 Company*. Danyele é formada em jornalismo, na Universidade de Brasília (UnB), jornalista concursada da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), e atualmente está lotada na Advocacia-Geral da União (AGU). Já Juliana é formada no mesmo curso pela Faculdade Cásper Líbero (FCL), apresenta o podcast *Finitude* e é sócia-fundadora da Rádio Guarda-Chuva.

Enquanto a jornalista Danyele Soares foi entrevistada dia 22 de junho de 2022, via *Google Meet*, Juliana Dantas respondeu as questões em dois momentos: por *e-mail*, no dia 22 de junho e, em 27 de junho, pelo *WhatsApp*. Primeiro foi elaborado um questionário prévio, contendo quatro perguntas. As questões foram estruturadas tanto a partir das reflexões teóricas, desenvolvidas no primeiro capítulo, quanto remetendo às categorias de análise do capítulo 2, como a humanização das fontes, uso dos efeitos sonoros e contextualização:

1. Como ocorreu a escolha e a abordagem das fontes para compor a radioreportagem e como foram humanizadas? De que forma essas vozes foram encaixadas na matéria durante a produção e montagem do roteiro?
2. De que maneira foram pensados os efeitos sonoros que compõem a radioreportagem? E como foram elaborados esses recursos com o objetivo de auxiliar na compreensão da informação?
3. Em que momento e por que o tema da radioreportagem foi escolhido e qual era a intenção em apurar e aprofundar esta pauta? Ela faz parte de alguma série de radioreportagens (*podcasting*)?
4. A radioreportagem foi criada apenas para circular nas redes sociais (*podcasting*) ou havia outros espaços nos meios tradicionais em que tinha a possibilidade de ser divulgada?

Pensando nessas perspectivas e para melhor desenvolver este capítulo, será apresentado a seguir, a simulação de um debate virtual entre as entrevistadas. Organizado em subdivisões, cada uma corresponde às respostas das jornalistas, de acordo com os questionamentos apresentados acima. O objetivo é o de melhor ilustrar o processo de construção das radioreportagens, bem como a relação com as características analisadas.

3.1 A humanização segundo as jornalistas

Um dos principais focos desta pesquisa é o de analisar de que maneira as fontes foram humanizadas no contexto das quatro radioreportagens premiadas. O parâmetro percebido nas respostas das repórteres foi o da fuga de matérias que podem trazer elementos de desumanização no fazer diário do jornalismo. Além da preocupação de se distanciar do esvaziamento de informações importantes sobre a vida e opinião de determinada fonte, características já apresentadas por Ijuim e Sardinha (2009) e Ijuim (2014 e 2017), neste trabalho.

Mesmo com as dificuldades diante da pauta e preconceitos vivenciados por mulheres que são presidiárias, ou ex-presidiárias e mães, a jornalista Danyele Soares não desistiu da temática e do objetivo de trazer para o centro da narração a voz dessas mulheres. Segundo Danyele Soares (informação verbal, 2022), o tema é muito “complexo e visto como tabu” e o acesso a essas personagens foi complicado. A jornalista conta que conseguiu estabelecer contato com as fontes por meio da Associação de Familiares dos Presos do Distrito Federal (DF), e com o auxílio de uma amiga jornalista que já havia feito matérias sobre a temática dos presídios.

Ela passou o contato de mulheres que ainda estavam em regime semiaberto ou já tinham cumprido a pena, conquistado sua dívida. Por meio dela e conversando com algumas delas, eu fui pegando mais contatos para ampliar essa quantidade de personagens, ouvir mais vozes, pois cada uma tem uma realidade, cada uma tem uma história de pano de fundo. E a ideia era ouvir a maior quantidade de pessoas, mas como eu disse, não foi fácil. Porque muitas vezes eu conseguia o contato delas, ligava, explicava a pauta, explicava tudo, mas algumas não quiseram falar e não autorizaram. Apesar de ser uma boa história, tinha essa resistência por parte delas, para contar essa história delas. Foi complicado, mas as que deram certo, as que toparam gravar e veicular a história, foi com a condição de não divulgar o nome, porque as histórias são muito tristes. O presidiário já é muito estigmatizado e a mulher presa é ainda mais. (SOARES, informação verbal, 2022)

Ao longo da série, composta por três matérias, Danyele Soares busca articular as falas de duas fontes que aceitaram conceder as entrevistas. Mesmo sem divulgar os nomes, cada voz trouxe um pouco da experiência dessas pessoas, que naquele momento eram o foco central da matéria. De acordo com Danyele Soares (informação verbal, 2022), a forma como ela buscou humanizar as fontes já estava pré-estabelecida, mas “com um toque a mais de sentimento”. Ao longo da entrevista e

conforme a fonte ia demonstrando abertura para tratar de determinado assunto, a jornalista propunha questões mais íntimas, delicadas. O objetivo sempre foi, segundo ela, o de mergulhar na vida e no imaginário daquela pessoa.

Com essa estratégia, Danyele revela que ocorreu um certo envolvimento com as fontes e com o assunto. Ela alega ter procurado se colocar no lugar daquela pessoa e quebrar a norma tradicional em que o jornalista não pode se envolver com a pauta. Na opinião da repórter, esta postura de falso distanciamento é quase impossível.

Eu sempre me envolvo, eu sei que é a máxima do jornalismo, diz pra gente evitar o máximo, mas não tem como. Você ouvir de uma mulher, como foi para o filho dela dentro do presídio, esses primeiros meses, ela amamentando... Até teve o caso de uma delas falando que o bebê teve problemas de saúde, ficou doentinho, porque não tomava sol [...]. Então, não tem como não se envolver, não consegui. Em uma das entrevistas até me emocionei, a mãe contando muito essa questão do filho e também contando lá fora como é a recepção das pessoas de não ter visita da família. Porque no masculino, os homens ainda recebem visitas ou da mãe, ou da companheira e, no feminino, quem visita? É isso, eu me envolvi bastante e tentei colocar um pouco desse sentimento que eu tive na redação da matéria, para as pessoas também sentirem isso. (SOARES, informação verbal, 2022)

O posicionamento, compromisso e o envolvimento da jornalista com as fontes entrevistadas revelam características apontadas por Ijuim, para quem humanizar é colocar o ser humano como o centro das discussões, além de respeitar as suas diferenças. Danyele Soares também combate as três características que, segundo o autor, desumanizam o fazer jornalístico: caricaturar o ser humano, ignorar a complexidade do fenômeno e não reconhecer o Outro. A fala condiz, ainda, com o que foi apresentado por Abreu (2019), quando este menciona que o repórter precisa desenvolver, além de técnicas básicas, a sensibilidade e a capacidade profissional de humanizar os personagens e aproximá-los do público-ouvinte.

Nessa mesma linha, a jornalista Juliana Dantas (informação verbal, 2022), responsável pela produção do *podcast* “Finitude” e pela radorreportagem “Confinamento: 3 meses depois”, revela que a matéria é um desdobramento de uma primeira abordagem, chamada de “Confinamento”, que acompanhou o início do isolamento social dos membros da equipe do Hospital Premier. A repórter informa que, enquanto na primeira vez não se hospedou no hospital, na segunda morou no local por nove dias. Assim, ao contrário do primeiro episódio, no qual conviveu com as fontes por apenas algumas horas, para o “Finitude” foi possível revisitar os

personagens da primeira reportagem e constatar, pela convivência, como foi a transformação de confinamento para eles.

Como técnica, Juliana Dantas costuma deixar as fontes livres para falar da forma mais natural possível e relatarem as suas experiências cada qual do seu jeito. A jornalista explica que essa forma de produção é comum nos bastidores dos *podcasts* narrativos. “Os tempos são diferentes e a proposta desse episódio, especificamente, era mesmo uma imersão” (DANTAS, informação verbal, 2022). Algo que, ainda de acordo com Juliana, vem sendo feito em outras matérias com a mesma linha.

Outra apresentação diferente e que está presente na radiorreportagem produzida por Juliana, é a imersão da própria jornalista como uma personagem daquele ambiente. Acima, Danyele Soares já havia mencionado sobre a dificuldade do jornalista em não se envolver com a pauta, principalmente em temáticas delicadas. No caso de Juliana, ela também era uma personagem da matéria, convivendo mais diretamente com as angústias da equipe do hospital. Com relação a esse aspecto, a jornalista explica que:

eu não acredito em jornalismo imparcial, acredito em jornalismo com honestidade intelectual. A reportagem foi feita daquele jeito porque eu estava morando lá dentro, porque eu já tinha a confiança daquelas pessoas de alguma maneira. Não fazia sentido fingir que eu não estava ali vivendo aquilo tudo. E, de qualquer maneira, se você for ouvir outros *podcasts* narrativos, é comum que os apresentadores se coloquem nas situações. Exemplos como a Rádio Escafandro (destaque para os episódios Suco de São Paulo e Um dia numa casa coletiva) e A mulher da casa abandonada, de Chico Felitti. (DANTAS, informação verbal, 2022)

Desta maneira, é evidente a postura de envolvimento da jornalista com as fontes, o que condiz com as teorias apresentadas por Ijuim e Sardinha (2009). Segundo eles, é necessário que o jornalista absorva e compreenda os fenômenos para poder narrar e humanizar a pauta. O profissional precisa vivenciar as situações para poder compartilhar a sua construção social da realidade com base na singularidade e subjetividade, justamente a experiência vivenciada por Juliana Dantas. Outra questão importante é que, em muitos momentos, não há cortes de falas, e às vezes escapam xingamentos.

No caso, Juliana optou por manter essas falas mais espontâneas, captadas no calor do momento. A proposta era entregar ao público uma vivência com toda intensidade e ambientação mais próxima da realidade que ela estava apreendendo.

“Acho que foi um jeito de tentar fazer com que o ouvinte estivesse lá comigo, sentado, ouvindo a mesma história que eu estava ouvindo” (DANTAS, informação verbal, 2022). Assim, a repórter trouxe mais naturalidade para os personagens, transformando as entrevistas em diálogos pessoais e compartilhando, ao mesmo tempo, as suas impressões com os espectadores, levando-os para dentro do hospital, mesmo que na imaginação.

3.2 Explicando os recursos sonoros

Como parte essencial de uma produção radiofônica, em específico em uma grande reportagem, os recursos sonoros compõem boa parte da apresentação da narrativa. Danyele Soares (informação verbal, 2022), deixa muito a mérito do sonoplasta da Radioagência Nacional, que é Messias Melo. A jornalista explica que algumas sugestões sonoras constavam no texto e foram indicadas por ela, com o objetivo de reforçar o drama em determinado assunto. Danyele relata que:

alguns momentos que eu precisava, que tivesse um efeito mais para baixo, mais pesado, para reforçar a fala daquela pessoa. A sonoplastia é isso, você reforçar o que está sendo dito em texto de uma forma artística, de uma forma sonora. E aí, algumas coisas eu sugeri, mas a maior parte mesmo, a vinheta de abertura, vinheta de encerramento, BG, tudo isso foi ele que colocou pela experiência dele. (SOARES, informação verbal, 2022)

Toda esta ambientação contribuiu para o aprofundamento, que é sugerido e apontado como um bastidor importante em radorreportagens humanizadas e especiais. Segundo Danyele Soares, o foco era fugir do “mais factual, do *hard news*, (...) A ideia era ter essa pegada mais literária, mais sensível, ser uma coisa mais especial” (SOARES, informação verbal, 2022). A jornalista Juliana Dantas, por sua vez, também utiliza um formato parecido, mas no caso da radorreportagem “Confinamento”, buscou ambientar o máximo possível, com sons, falas, gestos, ações que não foram produzidos em estúdio, mas, sim, captados dentro do próprio hospital. A intenção é que se tornasse um material orgânico e natural.

Eu estava sozinha, não sou técnica de áudio. Então eu busquei estar com meu gravador ligado à medida em que eu me locomovia, ou que eu chegava em alguém, batia em uma porta, caminhava por um corredor, para tentar dar essa ambiência, para tentar levar o ouvinte

junto comigo, para cada lugar que eu fosse. Então, em alguns momentos, eu estava no quarto de um paciente, em outros momentos eu estava no jardim, em outros momentos eu estava no meu próprio quarto, tem lugar que dá eco, tem lugar que é mais aberto. E essas texturas, de áudio, eu acho que acabam fazendo diferença para a imersão do ouvinte. Então, a minha ideia era tentar aproximar o máximo possível de quem estivesse ouvindo, da realidade que eu estava vivendo lá durante os nove dias em que eu fiquei no hospital. (DANTAS, informação verbal, 2022)

Dessa maneira, tanto a série de radioreportagens produzidas por Danyele Soares, como a apresentada por Juliana Dantas, estão em concordância com as teorias já apresentadas neste trabalho. Principalmente, as de Ramos (2020), quando se fala sobre criar vínculos com o ouvinte por meio dos sons, levando-o até ao lugar representado, como complementa Ferraretto (2014). Cumpre, ainda, com as três pontas do “projeto acústico”, apresentadas por Alves e Lopez (2021). E proporcionam a imersão e “o estado de sonho acordado”, sugerido por Viana (2020), em que o ouvinte ou espectador emprega toda a sua concentração e os seus sentidos, já que se vê envolvido com a sensorialidade dos recursos sonoros. O casamento de ideias e as técnicas de produção proporcionou um maior entendimento da temática escolhida, quando transformado em reportagens especiais.

3.3 A escolha das jornalistas em pauta

Um dos objetivos deste trabalho é o de perceber o envolvimento do repórter e sua sensibilidade por determinados assuntos. Neste caso, buscar compreender por que as jornalistas escolherem as temáticas e de que maneira elaboram, a partir delas, radioreportagens especiais que ganharam amplo espaço de divulgação e até mesmo premiações. Nesta perspectiva, foi questionado às jornalistas os motivos, por um lado, de abordarem a vida de mulheres presidiárias e, de outro, compartilhar as experiências de funcionários que decidiram viver em confinamento total dentro de um hospital por causa da pandemia da Covid-19.

A história de Juliana Dantas com o Hospital Premier é antiga. Segundo a jornalista, começou por volta de 2008/2009, quando a avó e o pai da jornalista foram internados no hospital, os dois diagnosticados com câncer. Em um intervalo curto de tempo, ambos precisaram de cuidados paliativos ofertados no local. Na época, Juliana era estagiária da TV Gazeta, em São Paulo, e acabou se encantando com essa temática.

Naquele mesmo período, em 2009, a jornalista produziu uma série de cinco reportagens para a TV Gazeta sobre os cuidados paliativos no hospital. “De lá para cá, nós ficamos muito próximos desses médicos paliativistas, São pessoas muito diferenciadas, muito diferentes do que nós estamos acostumados a ver” (DANTAS, informação verbal, 2022). Ainda segundo a jornalista, ter essa relação com o hospital devido ao quadro de saúde de sua família acabou estreitando os laços dela com os funcionários e as pessoas que ali trabalham. Mas, algo de diferente acabou chamando a atenção de Juliana: o privilégio dos pacientes de terem uma morte com cuidados e atenção e o da família de perder um ente querido com dignidade. Para ela, essas perdas significaram uma virada em sua carreira:

Eu sempre trabalhei em jornalismo de rádio, televisão, em emissoras abertas. E quando eu vi que ter uma morte com dignidade, ter acesso aos cuidados paliativos era um privilégio no Brasil, eu fiquei muito inquieta. Porque eu acho injusto que só eu perca as minhas pessoas com dignidade. Tem pouquíssimas pessoas no Brasil que possuem a oportunidade de atravessar esse momento difícil com as camadas de dor minimizadas. (DANTAS, informação verbal, 2022)

E, então, quando a pandemia da Covid-19 chegou ao Brasil e ao mundo, o hospital decidiu fechar por completo as portas, devido ao quadro de saúde dos pacientes e dos riscos que todos corriam por conta da gravidade da doença. Segundo Juliana (informação verbal, 2022), esse foi o único hospital que se tem notícia no mundo que teve a iniciativa de fechar as portas “e fazer esse confinamento, essa “quarentena solidária”, que é o nome dado à decisão de 44% dos funcionários ficarem dentro do hospital. “Criaram uma sociedade paralela e uma sociedade livre de coronavírus”. Assim, Juliana percebeu que havia uma oportunidade de fazer algo diferente sobre aquilo, pois nenhum jornalista ou outras emissoras conseguiram ter o mesmo acesso que o dela, devido à proximidade e ao vínculo que a jornalista já possuía com o hospital. “Quando eu vi que eu tinha essa proximidade com o lugar, que estava com essa iniciativa mais fora da casinha no Brasil e talvez no mundo, essa confiança jornalística e também esse vínculo pessoal, que eu já tinha com eles, fez com que eu pudesse estar no lugar certo na hora certa” (DANTAS, informação verbal, 2022).

Assim como Juliana, a relação da jornalista Danyele Soares com o universo dos presídios e dos aspectos de vida dos detentos e detentas começou desde os primeiros momentos de jornalista. No caso de Danyele, esse contato teve início na

Universidade de Brasília (UnB), onde se formou, em 2012, sendo que desde esta época o tema chama a sua atenção. Segundo ela (informação verbal, 2022), o primeiro contato ocorreu durante a produção do jornal-laboratório da universidade. A pauta era sobre detentos que estudavam enquanto estavam presos, uns em regime fechado e outros em semiaberto. Danyele entrevistou mais de dez pessoas para a construção de sua primeira pauta.

Então, meu trabalho de formação de curso foi sobre o direito à informação nas penitenciárias, eu fui tanto na penitenciária masculina quanto na penitenciária feminina. E eu estou desde então nesse mundo dos presos, é algo que sempre me chamou a atenção, o pessoal do trabalho brincava que eu era a “miss cadeia”, porque tudo o que era relacionado a cadeia eu estava no meio. (SOARES, informação verbal, 2022)

Outro acontecimento que fez a jornalista pensar na série de radorreportagens sobre as mulheres no sistema penitenciário foi a divulgação do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen), do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), de 2016. Por meio desta pesquisa, foi possível chegar em fontes oficiais e especializadas que contribuíram de forma significativa para a matéria. Além disso, Danyele (informação verbal, 2022), afirma que após divulgar os episódios da série de reportagens, participou de um tribunal do júri e transformou o ocorrido em uma reportagem especial, em primeira pessoa, sobre esta experiência. “É um mundo que me encanta, me fascina, eu gosto muito. Então esse é o histórico, o contexto, e surgiu essa pesquisa divulgada sobre encarceramento feminino. Foi só um *start*. Falei: “Vamos lá, vamos tocar”. Deu certo e consegui fechar as três matérias da série”.

Essa relação direta com os temas em pauta confronta algumas “regras” estabelecidas, de que o repórter não pode se envolver com as fontes ou temática da reportagem. Ijuim e Sardinha (2009), assim como Abreu (2019), condenam essa impressão, destacando a necessidade de o repórter ir além das técnicas para se aproximar do público-ouvinte, com o objetivo de estabelecer uma boa comunicação.

3.4 Compreendendo o caminho até o ouvinte

Para compreender melhor a relação do meio com a mensagem, buscou-se entender de que forma foram escolhidos os canais de divulgação para que esses temas ressoassem aos ouvidos do público-ouvinte. Este trabalho procurou, então,

questionar as jornalistas como foi pensada e estruturada a difusão das radioreportagens. As perguntas tomaram por base aquilo que já foi mencionado nesta pesquisa, a respeito das facilidades que são proporcionadas pela *internet* e propagação desse conteúdo devido ao contexto da convergência midiática. Mas, para a surpresa desta pesquisadora, a jornalista Danyele Soares (informação verbal, 2022), revelou, durante a entrevista, que a série de reportagens “Mulheres no Cárcere” foi pensada para os meios de comunicação tradicionais. Por isso, houve uma limitação de tempo das três matérias produzidas.

A tela foi pensada bem para o tradicional mesmo, por isso a questão da limitação do tempo. Acho que se fosse só para as redes, só para o mundo da internet, eu teria uma liberdade maior. Como você falou, o tradicional deixa a gente muito quadrado, sempre aquele *hard news*, aquela coisa, cobertura factual diária. A gente fica muito engessado e isso acaba engessando também o ouvinte, o espectador, a audiência, porque nós só damos notícia ruim e só “notícia pancadão”. Não tem um momento mais leve, uma coisa mais literária, uma coisa para você pensar [...]. Então, é um momento de a gente respirar, e por isso, foi veiculado na sexta-feira, o último dia foi pensado nesse padrão. (SOARES, informação verbal, 2022)

Ainda segundo Danyele, as três radioreportagens foram veiculadas em dias separados ao longo da programação da Radioagência Nacional. Só posteriormente é que foram divulgadas no site da emissora, mas o objetivo era transmiti-las nos três jornais tradicionais. Este ponto trouxe à tona uma alegação diferente daquilo que foi apresentado neste trabalho quanto ao espaço da reportagem no rádio tradicional. Mas, mesmo sendo encaixada na programação cotidiana, o que é bastante significativo, as matérias ainda tiveram de ser pensadas e estruturadas em um tom mais factual. Perderam, assim, alguns trechos que poderiam ser apresentados de maneira mais aprofundada para os ouvintes. Danyele pontua, ainda, que,

concordo plenamente com você, se fosse para rede, nós teríamos uma liberdade muito maior, teríamos algo muito mais leve. Hoje, nós temos que buscar por *podcast*, materiais sonoros, em vídeo. Hoje, a gente busca porque a mídia tradicional tem uma limitação muito grande em veicular esse tipo de material. (SOARES, informação verbal, 2022)

Diferente da série “Mulheres no Cárcere”, a grande reportagem “Confinamento: 3 meses depois”, é feita exclusivamente para o universo da *internet*. Quando questionada sobre o assunto, Juliana Dantas (informação verbal, 2022), foi enfática

ao dizer: “O Finitude é um podcast, não vai ao ar em rádio, nunca”. Além disso, a jornalista explica que:

Nós subimos no nosso feed, no Finitude, então distribuí para todas as plataformas digitais, Spotify, Apple Podcast, Amazon Music, Orelo, enfim, nós trabalhamos, no Instagram, Twitter no Facebook e no WhatsApp. Mas, são meios de divulgação possíveis para um conteúdo que está disponível na internet gratuitamente para quem quiser ouvir. (DANTAS, informação verbal, 2022)

Com isso, ambas as propostas revelam duas formas distintas de conseguir propagar informações humanizadas e com aprofundamento. Apesar do tempo um pouco mais limitado e da redução da série de reportagens “Mulheres no Cárceres”, o tema entregou um conteúdo com riqueza de detalhes, fontes e emoção, mesmo pensado para os meios tradicionais. O que de certo modo traz um exemplo positivo de que é possível produzir e entregar um material que foge do *hard news*, sem perder a essência do jornalismo diário e factual.

Porém, ficou demonstrado também que o espaço da *internet* pode ser mais favorável para a produção jornalística em profundidade do que os meios convencionais. Essa afirmativa é demonstrada por Juliana Dantas, ao enfatizar que o espaço da grande reportagem “Confinamento: 3 meses depois”, é na *internet* devido à dimensão e profundidade da temática e por ser exclusivamente uma matéria que faz parte do universo dos *podcasts*, da narração mais livre e sem muitas amarras.

Para finalizar, vale destacar que durante boa parte da entrevista, as jornalistas evidenciaram a necessidade de naturalizar a pauta e as fontes. O objetivo era o de levar ao ouvinte um conteúdo que gerasse impacto, sensibilidade. Além da informação de forma mais literária e reflexiva, por mais complexo que fosse o assunto. Outro foco evidenciado, foi a busca da aproximação com o ouvinte e da imersão no conteúdo narrado. Essas são maneiras de compartilhar as experiências e os impactos que as repórteres, ao ter um primeiro contato com as personalidades e com o ambiente daquele momento, tiveram, bem como realçar a proximidade temática.

Ficaram indicadas, assim, de forma transparente, as dificuldades, os preconceitos, as experiências, as dores, as angústias, a responsabilidade, as descobertas, e a sensibilidade da humanidade com relação a situações delicadas, que exigem cuidado ao serem tratadas. Além disso, essa forma de abordagem e produção, apresentada pelas jornalistas na entrevista, demonstrou que não ocorreu a perda das

estratégias e técnicas do fazer jornalístico. Ambas levaram em consideração a objetividade/subjetividade e o compromisso com a informação, dentro de um determinado contexto de problemáticas sociais. A meta de ambas profissionais sempre foi, como mencionaram, promover o aprofundamento e novas formas de produção do factual, que fujam do cotidiano e da pura notícia em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A rotina a qual os repórteres e produtores estão expostos todos os dias, evidencia a maneira “cansada” de produção das notícias factuais no jornalismo. Mas, ainda que muito presente na propagação de notícias, atreladas à pressa do cotidiano, surgem a cada dia, equipes profissionais preocupadas em fugir das fórmulas comuns. De certa maneira, elas conseguem encaixar um conteúdo mais contextualizado e humano, com uma narrativa que bebe do literário, no contexto de produção dos meios convencionais. Foi nessa linha de raciocínio que este estudo procurou analisar, explicar e mensurar as riquezas de detalhes que o público pode encontrar nas grandes reportagens de rádio.

Buscou-se, portanto, avaliar características nas radiorreportagens premiadas, tais como o uso das fontes entrevistadas e equilíbrio das vozes com a pesquisa documental. Compreender a narrativa da humanização e as estratégias de aprofundamento foi outro foco, bem como detectar a importância e a riqueza dos recursos sonoros para envolver os ouvintes. Por fim, as entrevistas com as jornalistas responsáveis pelas produções, teve o objetivo de contextualizar as análises, com os relatos dos bastidores e critérios éticos.

Nesta perspectiva, esta pesquisa demonstrou um certo incômodo com a forma mais apressada e objetiva de elaboração do radiojornalismo atual. As análises procuraram expor e demonstrar que com amor, dedicação, respeito à fonte e ao tema abordado, é possível elaborar uma cobertura, mesmo de assuntos factuais, sem perder o viés da humanização. Com esta postura, os produtores podem combater práticas que desumanizam o fazer jornalístico, apontadas por Ijuim (2017) e discutidas nos capítulos de análise.

Por um lado, a humanização e a pluralidade das vozes foram os elementos mais presentes no caso das quatro radiorreportagens premiadas do prêmio jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Por outro, a escolha de arquivos em áudio possibilitou uma perspectiva diferente, já que para alguns, o rádio está morrendo e perdendo seu espaço para a *internet*, mas a realidade é outra. O meio de comunicação está se adequando, na verdade, aos novos moldes de produção e isto vem ocorrendo desde o surgimento da televisão.

Esta afirmativa é evidenciada no decorrer do trabalho, ao mostrar que cada uma das quatro radiorreportagens podem ser encontradas facilmente em um toque do

celular ou acessando sites disponíveis no universo digital. Além disso, as discussões aqui apresentadas mencionaram de forma clara e direta como ocorreu este processo de convergência midiática no rádio. Além de evidenciar como estas ferramentas acabaram favorecendo a expansão do veículo para além das fronteiras das ondas *hertzianas*. Tudo contribui para tentar dinamizar um cenário de discussões muito factuais, sem proximidade com o ouvinte, além do uso cansativo e repetitivo de notícias formatadas em *hard news*.

Portanto, o rádio demonstra um certo favorecimento em sua desenvoltura e elaboração do material jornalístico, ao se expandir no mundo digital. Esta pesquisa procurou detalhar e responder, em cada um dos capítulos, a problemática central: “A grande reportagem em rádio, produzida com profundidade, favorece um trabalho mais contextualizado, didático e humanizado?”. Esta premissa acabou confirmada, já que os elementos de qualidade de uma boa reportagem, apontados pelos autores no primeiro capítulo, equivalem com as características encontradas nas radorreportagens.

Ferraretto (2014) menciona que a grande reportagem em rádio permite uma ampliação quantitativa e mais aprofundada, representando um meio-termo em sua construção entre o noticiário e o documentário. Além disso, Ferraz (2016) e Barros e Veloso (2016), consideram a radorreportagem como o ponto alto da produção jornalística, visto que a prática exige muita atenção, dedicação e sensibilidade do repórter, produzindo, assim, um recorte da realidade diante de determinada problemática social.

Não à toa, cada reportagem analisada apresenta tempo mais alongado em sua produção. “Mulheres no Cárcere” foi dividida em três capítulos para que pudesse ser reproduzida nos meios tradicionais da Radioagência Nacional. A opção de veicular o especial em capítulos dentro da programação tradicional de jornais da emissora, mas com um formato mais reduzido, levou ao corte de informações que poderiam ser importantes para o público-ouvinte. Porém, demonstrou que, se pensado e produzido para a veiculação tradicional, o formato radiofônico da reportagem pode, sim, ser incluído nas notícias do dia a dia, mesmo em partes.

Em contrapartida, as demais radorreportagens aqui analisadas fazem parte do universo do *podcasting*. Justamente por apresentarem tempo mais estendido, não encontram espaço no rádio convencional e, sim, no universo da *internet*. A grande reportagem “LGBTfobia: Medo de quê?”, tem duração de cerca de 1 hora e, apenas

ela, sozinha, seria suficiente para ocupar boa parte da programação jornalística diária de uma emissora. Já a radioreportagem “Confinamento: 3 meses depois” dura 1h13min54s, e não é pensada para o rádio tradicional, seu espaço está garantido no ambiente digital. Por fim, a reportagem especial “Crianças refugiadas discute no Radinho BdF o direito de migrar”, se estende por 28min26s, apresentando muitas nuances de áudio, histórias, vozes e música.

Fica patente que as pautas apresentadas tiveram elaboração difícil e atenciosa, fugindo do padrão que costuma ser apresentado no meio convencional. Outro objetivo presente nesta pesquisa, foi buscar entender de que maneira ocorreu a humanização e o encaixe de uma cada uma das vozes apresentadas. Avaliar, portanto, se estas produções de fato trouxeram humanização aos personagens abordados. Embora o tempo de veiculação não signifique qualidade e valorização do ser humano, nas quatro reportagens analisadas e também nas entrevistas qualitativas, constatou-se esta preocupação ética. Portanto, foi necessário trazer para o debate trechos e personalidades das fontes que mais marcaram as radioreportagens, com a meta de evidenciar a importância daquela experiência contada por meio da articulação justa das vozes, com privilégio para as fontes comuns. E não apenas fruto de uma teoria central do jornalista, amparada na visão de especialistas ou autoridades.

Em muitos momentos, foi possível notar a rara abertura que as fontes encontraram ao falar de suas histórias íntimas. Um exemplo é a entrevista com o diretor superintendente do Hospital Premier, Samir, na grande reportagem “Confinamento”, em 32min23s. Em alguns trechos, o entrevistado acaba por pronunciar xingamentos, que geralmente são cortados em produções tradicionais. Mas, neste caso, a fala do diretor do hospital foi preservada, com a proposta de demonstrar e passar naturalidade ao ouvinte, que se sente inserido naquela conversa.

Há personagens que ganham destaque nas matérias analisadas e não estão tão presentes no noticiário cotidiano. São as crianças do Radinho BdF, as ex-detentas de “Mulheres no Cárcere” e os representantes da comunidade LGBTQIA+. Neste caso, se destaca a corajosa fala de Mirela, entre 32min21s e 32min48s, uma criança transsexual de nove anos, que nasceu menino, mas não se identifica com o gênero. Além disso, a apresentação dessas fontes é feita de maneira singular, sem toda a formalidade, de profissão, nome e sobrenome, que é exigida nas redações tradicionais. O foco aqui são as pessoas, indo muito além de seus nomes e cargos.

Temas complexos exigem do repórter uma produção mais delicada e sensível. Este pensamento foi evidenciado por Ijuim (2014 e 2017) e também por Abreu (2019), autores que mencionam ser fundamental para o profissional estabelecer um diálogo mais humano com suas fontes e aproximar essas realidades, muitas vezes silenciadas, do universo do público-ouvinte. Ijuim destaca ainda, três pontos fundamentais que devem ser levados em conta pelos jornalistas: Não caricaturar o ser humano, não ignorar a complexidade e ambientação do fato e não deixar de reconhecer o outro, além de impedir que este seja colocado à margem da cobertura. Estas atribuições estão presentes em cada uma das produções analisadas. Como se viu, elas abraçaram, na medida do possível, as inúmeras possibilidades de se produzir um jornalismo que valoriza o ser humano. Além de discutir questões sociais complexas, que são ignoradas pela sociedade ou propositalmente deixadas de lado da arena pública pelos poderes.

Partindo deste pressuposto, esta pesquisadora também explorou as possibilidades e as diversas camadas que são propostas pelo uso estratégico dos recursos sonoros. Os sons, como já discutidos nesta monografia, são componentes essenciais para a radioreportagem que se pretendem mais narrativas e contextualizadoras. Eles são responsáveis por criar a ambientação do tema evocado, além de enfatizar aquilo que é informado pelo repórter/locutor.

Porém, um outro ponto que este trabalho acabou iluminando, é que os recursos sonoros não são usados apenas para conferir um “efeito ou enfeitar” o que está sendo narrado. Mas, sim, ajudam a levar o ouvinte até os locais descritos, o fazer sonhar, refletir, indignar-se e imergir naquele universo de possibilidades. Viana (2020), apresenta, nesse sentido, a teoria da “imersão” no universo radiofônico, que, mesmo de forma imaginativa, acaba causando um efeito, e ecoa dentro do imaginário dos espectadores.

Uma outra descoberta foram as discussões de Ramos (2020), que trouxe a criação dos “vínculos”, não apenas de uma determinada produção, mas do público-ouvinte com determinada emissora, programa, jornalista e *podcasting*. Isso se torna possível por meio da aplicação das técnicas, que ambicionam prender o ouvinte. Para aprofundar mais o questionamento inicial desta monografia, foi debatido o conceito de “projeto acústico”, de Alves e Lopez (2021), contendo três núcleos importantes que precisam estar presentes na composição da sonoplastia. São eles: “Orquestrador de Emoções”, “Enunciado Sonoro” e “Transmissão”. Todas as radioreportagens fizeram

uso efusivo destes núcleos, mesmo de forma inconsciente e sem os produtores conhecerem, necessariamente, detalhes de cada uma dessas teorias.

Diante de todos estes elementos, as entrevistas com as jornalistas Danyele Soares e Juliana Dantas se configuraram como uma complementação eficaz das análises das categorias. No decorrer dos diálogos desta pesquisadora com as responsáveis por duas das quatro radiorreportagens analisadas, muitos pontos foram confirmados e evidenciados, principalmente no que diz respeito ao relato das posturas éticas, escolhas de fontes e decisões narrativas.

Danyele Soares (informação verbal, 2022), por exemplo, deixou claro seu envolvimento com a pauta e afirmou que, apesar da dificuldade de conseguir as vozes de mulheres que já foram detentas ou que cumpriam pena em liberdade, ela não desistiu de convocar as fontes para um diálogo plural. Mesmo com o necessário apoio dos dados, fontes oficiais e documentais, a jornalista não desistiu da humanização da proposta.

No entanto, um fator chamou atenção. A afirmativa de Danyele (informação verbal, 2022), de que a série de reportagens em questão, foi pensada exclusivamente para o rádio convencional, e por isso houve uma diminuição no tempo de apresentação de cada episódio. De certa forma, a descoberta desafia as teorias aqui apresentadas, de que é raro uma radiorreportagem em profundidade estar presente no meio tradicional. Além disso, a fala da jornalista confirma a problemática deste trabalho, a respeito do tempo reduzido. Mas, destaca que sim, é possível produzir um material humanizado, didático, com muitos recursos sonoros, profundidade e contextualizado nos meios convencionais. Com a ressalva, é claro, dos cortes exagerados que precisam ser feitos para caber no “espelho” do jornal.

Já Juliana Dantas (informação verbal, 2022), destaca que a radiorreportagem “Confinamento: 3 meses depois” pertence exclusivamente ao meio digital e ao universo dos *podcasts*. A entrevista de Juliana também afirma as inúmeras possibilidades da produção radiofônica em profundidade e sua importância para o jornalismo e a democracia. A abordagem de Dantas sobre a pandemia da Covid-19 é diferente da representada nos meios tradicionais. A decisão editorial de morar no hospital em confinamento por nove dias, indica o envolvimento cuidadoso da repórter com a pauta. Além da busca cansativa de trazer o ouvinte para dentro daquele espaço, o fazendo imergir nas histórias narradas. Tudo auxiliado pela presença marcante de sons ambientes, que de fato levam o público a sensação de estar compartilhando de

perto aqueles momentos dramáticos no hospital. Inovações de linguagem radiofônica que só trazem benefícios para o universo da reportagem.

Diante desses dois depoimentos, percebe-se a maneira como cada uma das repórteres se envolveu com sensibilidade e afeto nas produções. Tal postura acabou contribuindo para a contextualização dos temas e a humanização dos personagens. Já os recursos sonoros foram pensados não de forma pejorativa e sem significados, mas como uma maneira de tocar o ouvinte e a formar opiniões.

Portanto, é necessário que outros trabalhos nesta mesma linha de pesquisa sejam expandidos no mundo acadêmico. Uma proposta desta pesquisadora seria estudar e descrever os modos de produção dos jornalistas do Nordeste, no universo da radioreportagem em profundidade. A intenção seria compreender todos os processos de construção das narrativas, da pauta até a veiculação e investigar, a partir de entrevistas qualitativas, se os repórteres da região têm espaço para desenvolver esse tipo de produção mais aprofundada em meio às rotinas produtivas do rádio tradicional ou mesmo no universo mais independente da *internet*. Fica a lição de que os profissionais do rádio não devem se deixar vencer pelo cansaço do cotidiano e da falta de sensibilidade diante da humanização no fazer jornalístico, tão necessária para os tempos atuais, de ameaça à democracia.

REFERÊNCIAS

ABREU, Edione. **Pistas e possibilidades sonoras no radiojornalismo**: Um aporte sobre a narrativa da radiorreportagem para além dos sons das palavras. Revista ALTERJOR, Cidade Universitária, São Paulo, volume 01, edição 19, p. (142 – 157), janeiro-junho de 2019.

ALVES, João; LOPEZ, Debora Cristina. **Experiência, emoções e narrativa sonora no podcast Medo e Delírio em Brasília**. In: Anais do 19º encontro nacional de pesquisadores em Jornalismo: Brasília, Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2021/papers/experiencia--emocoes-e-narrativa-sonora-no-podcast-medo-e-delirio-em-brasilia>> Acesso em: 02 Maio. 2022.

AMARAL, Helena; JÚNIOR, Carlos Pernisa. **O sonoro como ferramenta de imersão em narrativas ficcionais**: análise da websérie: *Se eu estivesse aí*. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2020.

BARROS, Cezar Macedo; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **Como a radiorreportagem indicia sobre o jornalismo radiofônico em Natal-RN**. Mariana-MG, v. 07, n. 01, pp. 153-170. Revista Rádio-Leituras, jan./jun. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 1.ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BOTELHO, Andrea de Arruda. **Jornalismo em profundidade**. Líbero, 2006.

CARVALHO, Marcus Aurélio de; JUNIOR, Alvaro Bufarah. **Considerações sobre o impacto das novas tecnologias no radiojornalismo**. In: Anais do 16º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo: Anhembi Morumbi – São Paulo, novembro de 2018.

CARTA DE NATAL. 2020. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar/jornal-alcar-no-73-julho-2020/jornal-alcar-no-73-julho-2020>>. Acesso em: 08. Maio 2022.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj). Acre, 2007. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 08. Maio 2022.

DEL BIANCO, Nélia R. **O Rádio Brasileiro na Era da Convergência**. São Paulo: INTERCOM, volume 5, 2012.

DEL BIANCO, Nélia R.; PRATA, Nair. **Ainda é preciso falar sobre rádio digital**: elementos para retomada do debate sobre a digitalização da transmissão terrestre no Brasil. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2020.

FARIAS, Janete Pinto Cahet. **Mapeamento sistemático da literatura sobre podcasts jornalísticos**: um panorama entre 2004 e 2020. In: Anais do 19º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo: Brasília, Campinas, Galoá, 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur; ROSSETTO, Andrei dos Santos. **Particularidades do uso de vídeos na grande reportagem radiofônica**: uma análise da série Os desafios do emprego na crise, da Gaúcha, de Porto Alegre. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2016.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

FERRAZ, Nivaldo. **Reportagem no rádio**: realidade brasileira, fundamentação, possibilidades sonoras e jornalísticas a partir da peça radiofônica reportagem. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016.

FILHO, Pedro Serico Vaz. **Edições da vida e rádio de Luiz Beltrão Cavalcanti de Albuquerque Maranhão (Pernambuco) Filho**. Uma existência dedicada à comunicação, educação, arte, história e radiodifusão. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Belém, 2019.

GALVÃO JÚNIOR, Lourival da Cruz; MALULY, Luciano Victor Barros. **A radioreportagem segundo as características apontadas por Gisela Svetlana Ortriwano**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Belém, 2019.

GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Humanização e desumanização no jornalismo**: algumas saídas. Universidade Federal de Santa Catarina/Brasil. 2014.

_____, Jorge Kanehide. **Por que humanizar o jornalismo (?)**. Verso e Reverso, vol. 31, n. 78, setembro-dezembro de 2017.

_____, Jorge Kanehide; SARDINHA, Antônio Carlos. **Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística e a busca por um jornalismo humanizado**. Comunicação & Sociedade. Ano 30, n. 51, p. 155-176, jan./jun. 2009.

JUNIOR, Alvaro Bufarah. **As muitas histórias do blog ao podcast jornalístico**. In: Anais do 19º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo: Brasília. Anais eletrônicos, 2021.

_____, Alvaro Bufarah. **Do rádio escrito ao falado**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Belém, 2019.

JUNG, Milton. **Introdução ao jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside radio 2021**. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.kantaribopemedia.com/wp-content/uploads/2021/09/INSIDE-RADIO-2021_Kantar-IBOPE-Media.pdf>. Acesso em: 05. Maio 2022.

LIMA, Raphaella Gomes. **O New Journalism: análise do padrão das produções do gênero jornalístico**. Juiz de Fora – MG, 2016.

LOPEZ, Debora Cristina; MARITAN, Matheus. **Afetações multiplataforma e multimídia na composição da identidade de emissoras de rádio: hibridização e reiteraões**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2020.

LOPES, Nadini de Almeida. **Rádiorreportagem: referências para a prática, o ensino e a pesquisa**. Dissertação (Pós-Graduação) - Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

MARROQUIM, Rafael. **Jornalismo e construção social da realidade: o despertar do acontecimento e a composição da notícia**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: Narrativa e cotidiano**. São Paulo: Summus, 2003.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. v.22. Porto Alegre: Revista Educação, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo volume II: A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis-SC: Editora Insular Ltda, 2005.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história**. São Paulo: Revista USP, dezembro/fevereiro 2002-2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário como gênero e conceito**. Brasília: Encontro do Núcleo de Pesquisa da Intercom, 2006.

RAMOS, Henrique Terra de Farias. **A campanha política de João Doria para Governador de São Paulo em 2018: vínculos sonoros e linguagem no rádio**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2020. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1497-1.pdf>>. Acesso em: 06. Maio 2022.

RELLSTAB, Clara Cavalcanti. **Audiodocumentário na era dos podcasts: Um estudo de caso sobre "Praia dos Ossos" e "Retrato Narrado"**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2021.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano. **Radiojornalismo e suas múltiplas fontes sonoras**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006.

SILVA, Marcos Paulo. **As dissonâncias cotidianas nas rotinas dos jornais: o habitus jornalístico e a atribuição de um sentido hegemônico às notícias**. Estudos em Jornalismo e Mídia, 2013.

VIANA, Luana. **Discutindo a reportagem radiofônica expandida: o áudio como fio condutor da narrativa**. IX Encontro dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de Minas Gerais, 2016.

VIANA, Luana. **O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos**. In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2020.

VIANA, Luana. **O Jornalismo em primeira pessoa em podcasts narrativos: Encontros e tensões deontológicos.** In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Virtual, 2021.

_____, Luana. **Reportagens radiofônicas expandidas: a construção de um conceito.** São Paulo, Brasil, v. 6, n. 3, p. 111-122, 2018.

_____, Luana.; LOPEZ, Débora Cristina. **A utilização de recursos hipermidiáticos no rádio expandido: um estudo de caso da Rádio Renascença.** IX Congresso Sopcom, 2015.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio.** In: Anais do 27º encontro anual da Compós: Belo Horizonte, Campinas, Galoá, 2018. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos-2018/papers/do-radio-ao-podcast--as-novas-praticas-de-producao-e-consumo-de-audio>> Acesso em: 02 Maio 2022.

ZIMMERMANN, Arnaldo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Análise do produto radiojornalístico: proposta de categorias e técnicas específicas de pesquisa.** In: Anais do 19º encontro nacional de pesquisadores em jornalismo: Brasília, Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/sbpjor-2021/papers/analise-do-produto-radiojornalistico--proposta-de-categorias-e-tecnicas-especificas-de-pesquisa>> Acesso em: 02 Maio. 2022.

ZIMMERMANN, Arnaldo; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **Do transistor ao celular: anotações históricas sobre transformações da reportagem radiofônica a partir de tecnologias.** In: Anais Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Belém, 2019.

ANEXOS

ANEXO A - QUADRO DE FONTES DA RADIORREPORTAGEM MULHERES NO CÁRCERE

Quadro 1 - Quadro de fontes representativas da sociedade

FONTES REPRESENTATIVAS DA SOCIEDADE	PROFISSÃO
Camila (para essa fonte foi usado nome fictício)	Manicure e ex-detenta
Gleice	Empregada doméstica e ex-detenta

Fonte: Autoral

Quadro 2 - Quadro de fontes especialistas

FONTES ESPECIALIZADAS	PROFISSÃO
Maria Clara D'Ávila	Pesquisadora do Programa Justiça Sem Muros do Instituto Terra Trabalho e Cidadania
Bruna Angotti	Professora da Universidade Mackenzie que estuda presídios femininos

Fonte: Autoral

Quadro 3 - Quadro de fontes oficiais

FONTES OFICIAIS	PROFISSÃO
Darlana Godoi	Diretora da Associação de Familiares dos Internos e Internas do Sistema Prisional do Distrito Federal e Em torno
Mara Fregapani Barreto	Coordenadora de Promoção da Cidadania do Ministério da Justiça

Fonte: Autoral

Quadro 4 - Quadro de fontes documentais

FONTES DOCUMENTAIS	DADOS APRESENTADOS
Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen) do Departamento Penitenciário Nacional (Depen).	Apresenta dados sobre o aumento de prisões de mulheres até o ano de 2016, no Brasil e em outros países; Dados da quantidade de estabelecimentos que são próprios para mães detentas, ficarem com seus filhos dentro dos presídios, até os seis meses de vida; E informações sobre a chances de uma mulher se suicidar após sair da prisão por não receber apoio de amigos, família e falta de oportunidades para conseguir emprego.
Indulto de Dia das Mães assinado pelo então presidente, Michel Temer.	Levanta a discussão sobre a liberação de presas, nessa data comemorativa, que abrange gestantes, transexuais e indígenas, mas a reportagem evidencia a necessidade de os casos serem analisados individualmente, o que pode prejudicar o processo
Habeas corpus coletivo, aprovado pelo Supremo Tribunal Federal.	Mostra a discussão sobre a ação judicial que visa substituir a prisão preventiva por domiciliar para presas que sejam gestantes ou mães de crianças de até 12 anos de idade e pessoas com deficiência
Código de Processo Penal	Usado para expor que a prisão preventiva será determinada, quando não houver outra medida cautelar

Fonte: Autoral

ANEXO B - QUADROS DE FONTES DA RADIORREPORTAGEM LGBTFOBIA: MEDO DE QUÊ?

Quadro 5 – Quadro de fontes representativas da sociedade

FONTES REPRESENTATIVAS DA SOCIEDADE	CARACTERÍSTICA DA FONTE
Cássia	Integrante do grupo Mães pela Diversidade
Luís	Acadêmico de Jornalismo.
Jéssica	Criou um canal no Youtube direcionado para a comunidade LGBTQIA+
Elaine	Mãe de Mirela menina transsexual de 9 anos
Mirela	Criança transsexual, nove anos
Larissa	Primeira mulher transsexual da América Latina a ter o nome e o sexo alterados, em documentos, antes da maior idade
Willian	Gay e coordenador do grupo Palmeiras Livre
Angélica	Mãe de Alexandre Ivo. Jovem morto em 2010, aos 14 anos, vítima de preconceito homofóbico

Fonte: Autoral

Quadro 6 - Quadro de fontes especializadas

FONTES ESPECIALIZADAS	PROFISSÃO
Mario Solemene	Advogado, especialista em Direito Humanos

Fonte: Autoral

Quadro 7 - Quadro de fontes oficiais

FONTES OFICIAIS	PROFISSÃO
Rosa Weber	Ministra do Supremo Tribunal Federal
Luiz Fux	Ministro do Supremo Tribunal Federal
Andrei Lemos	Professor de História e presidente da União Nacional de Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais

Fonte: Autoral

Quadro 8 - Quadro de fontes documentais

FONTES DOCUMENTAIS	DADOS APRESENTADOS
Reprodução da reunião realizada no Supremo Tribunal Federal (STF)	Trata da criminalização da homofobia, votada em 23 de maio de 2019
Constituição Federal	Utilização do Art. 5º para a contextualização do assunto abordado na reportagem: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.
ONG Transgender Europe (TGEU)	Dados sobre o número de pessoas LGBTs mortas no Brasil. O país ocupa a primeira colocação no ranking mundial. Em 2018, 167 transsexuais foram mortas
Grupo Gay da Bahia	Mostrou o número de LGBTQIA+ mortos no Brasil em 2019. Segundo notícias, informações policiais e relatos de familiares, houve 141 homicídios
Dados da Polícia Civil de São Paulo de 2019	Traz o registro de um caso de feminicídio contra uma mulher transsexual, pela primeira vez, na cidade. Raiane Marques de 26 anos, morta por um homem com

	quem havia se relacionado, em Praia Grande
Estudo de um jornal norte-americano de 2018	Revelou maior incidência de tentativas ou pensamentos de cometer suicídio entre estudantes do ensino médio LGBTQIA+
Post da internet de um jovem que foi agredido por ser gay	Jackson Santos, de Juazeiro da Bahia, foi agredido quando deixava a casa da avó. O rapaz não quis gravar entrevista com a equipe
Registros históricos de crimes homofóbicos em São Luís	Conta a história do líder indígena tibirá, que foi morto, em São Luís, por causa de sua sexualidade. A capital maranhense tem o registro homofóbico mais antigo do Brasil

Fonte: Autoral

ANEXO C - QUADROS DE FONTES DA RADIORREPORTAGEM CONFINAMENTO: 3 MESES DEPOIS

Quadro 9 - Quadro de fontes representativas da sociedade

FONTES REPRESENTATIVAS DA SOCIEDADE	PROFISSÃO
Merilda	Cozinheira
Vinícius	Jornalista, locutor
Nando	Auxiliar de enfermagem
Dona Olívia	Paciente
Sandra	Funcionária do hospital
Cláudia	Funcionária do hospital
Adriana	Funcionária do hospital

Fonte: Autoral

Quadro 10 - Quadro de fontes especializadas

FONTES ESPECIALIZADAS	PROFISSÃO
Barbara Curi	Médica
Cláudia	Assistente social
Ricardo	Fisioterapeuta

Fonte: Autoral

Quadro 11 - Quadro de fontes oficiais

FONTES OFICIAIS	PROFISSÃO
Samir	Diretor-superintendente do Hospital Premier
José	Integrante da diretoria

Fonte: Autoral

Quadro 12 - Quadro de fontes documentais

FONTES DOCUMENTAIS	DADOS APRESENTADOS
Dados Ministério da Saúde	Taxa de contaminação pela Covid-19 no país, do mês de março, ao mês de junho de 2020

Fonte: Autoral

ANEXO D - QUADROS DE FONTES DA RADIORREPORTAGEM CRIANÇAS DISCUTEM NO RADINHO BDF O DIREITO DE MIGRAR

Quadro 13 - Quadro de fontes representativas da sociedade

FONTES REPRESENTATIVAS DA SOCIEDADE	CARACTERÍSTICA DA FONTE
logelis	Criança refugiada de cinco anos, país de origem, Venezuela
Yubriedy	Criança refugiada da Venezuela, sete anos
Juan Carlo Furtado	Adolescente refugiado, 12 anos, país de origem, Venezuela

Mohammed	Adolescente refugiado, 13 anos, país de origem, Síria
Jesma Cindy Glais	Criança refugiada, haitiana, oito anos
Kemal	Adolescente refugiado, 13 anos, país de origem, Rússia
Estrela de Dama Mabanza	Criança refugiada, angolana, nove anos

Fonte: Autoral

Quadro 14 - Quadro de fontes especializadas

FONTES ESPECIALIZADAS	PROFISSÃO
Não houve fala de fontes especializadas nesta reportagem	Não houve fala de fontes especializadas nesta reportagem

Fonte: Autoral

Quadro 15 - Quadro de fontes oficiais

FONTES OFICIAIS	PROFISSÃO
Padre Paolo Parise	Coordenador da Missão da Paz, uma obra, da igreja católica, para acolher imigrantes e refugiados
Ana Cláudia Leite	Integrante do Instituto Alana

Fonte: Autoral

Quadro 16 - Quadro de documentais

FONTES DOCUMENTAIS	DADOS APRESENTADOS
Não houve uso de fontes documentais	Não houve uso de fontes documentais

Fonte: Autoral